



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



Isadora Martins Duarte

O Homem e o seu tempo: Considerações sobre a obra poética de Carlos Drummond de Andrade.

Mariana

2022

Isadora Martins Duarte

O Homem e o seu tempo: Considerações sobre a obra poética de Carlos Drummond de Andrade.

Trabalho Conclusão do Curso de
Graduação em História da Universidade
Federal de Ouro Preto.
Orientador: Prof. Kathiúça Bertollo, Dr^a

MARIANA

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

D812h Duarte, Isadora Martins.

O homem e o seu tempo [manuscrito]: considerações sobre a obra poética de Carlos Drummond de Andrade. / Isadora Martins Duarte. - 2022.

58 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Kathiúça Bertollo.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Ciências sociais - Filosofia. 2. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. 3. Estética. 4. Partidarismo. 5. Minas e mineração. 6. Guerra Mundial, 1939-1945. I. Bertollo, Kathiúça. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.2:82-1

Bibliotecário(a) Responsável: Sione Galvão Rodrigues - CRB6 / 2526



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isadora Martins Duarte

O Homem e o seu tempo: Considerações sobre a obra poética de Carlos Drummond de Andrade.

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História

Aprovada em 13 de outubro de 2022

Membros da banca

Dra. - Kathiúça Bertollo - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dr- Jefferson José Queler - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Kathiúça Bertollo, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/10/2022



Documento assinado eletronicamente por **Kathiúça Bertollo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/10/2022, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0411897** e o código CRC **291FF28A**.

Este trabalho é dedicado aos trabalhadores da mineração
e aos atingidos por barragens em Minas Gerais.
À memória dos soviéticos que perderam suas vidas
durante a Segunda Guerra Mundial e daqueles que
resistiram bravamente em Stalingrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a execução desse trabalho. À professora Kathiúça Bertollo por ter aceitado me orientar mesmo estando em outro departamento, por ter me apresentado novos conhecimentos e me conduzido nessa pesquisa com paciência e dedicação. A minha amiga Ana Luiza que desde a Iniciação Científica até esse Trabalho de Conclusão de Curso tem sido minha maior motivadora, não me deixando desistir todas as vezes que duvidei de mim mesma e me incentivou a seguir no caminho da pesquisa. Às minhas tias Goretti e Terezinha por terem me ajudado a conseguir parte da bibliografia dessa pesquisa, em especial a Goretti por ter me ligado e ter se prontificado diversas vezes com qualquer coisa que eu precisasse.

Agradeço a todos que proporcionaram as condições materiais e viabilizaram minha permanência na Universidade. Aos meus pais, Suely e Rômulo, pelo esforço para me manter estudando em outra cidade. À minha madrinha Cássia que sempre foi um dos maiores suportes à minha formação. À minha avó Consolação, minha tia Beth, meu padrinho Gustavo e minha madrinha de representação Gisele pelo apoio, especialmente para a minha permanência em Mariana nesse último ano.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Ouro Preto e aos demais professores do Departamento de História por terem me recebido nesses quatro anos.

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.*

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...*

*Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

*Confidência do Itabirano
Carlos Drummond de Andrade*

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso parte da experiência da autora que por dezoito anos viveu em Itabira e neste período, o cotidiano da mineração conformou sua vivência. Em seguida, foi estudar em Mariana, cidade que também sofreu (e sofre) as marcas da mineração. A partir desse percurso e enquanto estudante de história aprendemos que não há neutralidade no fazer histórico, o que se aproxima da compreensão de Lukács de que é inevitável a tomada de posição de um artista em sua arte. Portanto, esse estudo expõe elementos da realidade de Itabira a partir da mineração, que se conforma sob os marcos do capitalismo dependente. Para tanto, reflete sobre a experiência universal do que foi a Segunda Guerra Mundial e a ascensão de ideologias e os conflitos que delas surgiram. E, através das formulações da Estética Lukácsiana, relaciona esses contextos, ou seja, a vida cotidiana e a arte. Dessa forma, buscou-se compreender como os reflexos da vida cotidiana figuram nas obras de Drummond, especialmente em *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo* que foram lançadas no período de surgimento da Vale S.A. período este marcado pela dependência no contexto econômico-produtivo do país e pela Segunda Guerra Mundial, e perceber como a poesia Drummondiana é imbuída de posicionamento frente a realidade.

Palavras-chave: Drummond; Estética; Partidarismo; Mineração; Segunda Guerra Mundial.

ABSTRACT

This final paper is based on the experience of the author, who lived in Itabira for eighteen years and during this period, the daily life of mining shaped her experience. Afterwards, she went to study in Mariana, a city that also suffered (and still suffers) from mining. From this journey and as a history student, we have learned that there is no neutrality in historical making, which is close to Lukács' understanding that it is inevitable that an artist takes a position in his art. Therefore, this study exposes elements of the reality of Itabira from the mining industry, which is formed under the framework of dependent capitalism. To this end, it reflects on the universal experience of what was World War II and the rise of ideologies and the conflicts that arose from them. And, through the formulations of Lukácsian aesthetics, it relates these contexts, that is, daily life and art. In this way, we sought to understand how the reflections of everyday life appear in Drummond's works, especially in *Sentimento do Mundo* and *A Rosa do Povo*, which were launched during the period of the emergence of Vale S.A., a period marked by dependence in the economic-productive context of the country and by World War II, and to understand how Drummond's poetry is imbued with a positioning vis-à-vis reality.

Keywords: Drummond; Aesthetics; Partisanship; Mining; Second World War.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pico do Cauê em 1942	28
Figura 2 - Pico do Cauê atualmente	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ALN	Ação Libertadora Nacional
ANL	Aliança Nacional Libertadora
Arena	Aliança Renovadora Nacional
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina da ONU
CIA	Agência Central de Inteligência
Colina	Comandos de Libertação Nacional
CVRD	Companhia Vale do Rio Doce
DIT	Divisão Internacional do Trabalho
ESG	Escola Superior de Guerra
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FMI	Fundo Monetário Internacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IUM	Imposto Único sobre Minerais
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PP	Partido Popular
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
SFT	Superexploração da Força do Trabalho
UNE	União Nacional dos Estudantes
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VAR Palmares	Vanguarda Armada Revolucionária Palmares

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 “UMA RUA COMEÇA EM ITABIRA, QUE VAI DAR EM QUALQUER PUNTO DA TERRA.”	17
1.1 ITABIRA-MG: A MINERAÇÃO E AS MARCAS EM DRUMMOND A PARTIR DA CONFORMAÇÃO DO CAPITALISMO DEPENDENTE	18
1.2 DISPUTAS MUNDIAIS: A ASCENSÃO DO NAZIFASCISMO E A GUERRA FRIA.....	29
1.2.1 Brasil na Era Vargas: Crescimento do fascismo integralista e entrada na Segunda Guerra Mundial	33
1.2.2 A reconstrução do mundo e as tensões ideológicas	37
2 “A POESIA FUGIU DOS LIVROS, AGORA ESTÁ NOS JORNAIS”	43
2.1 A POTENCIALIDADE DA ARTE NO SER SOCIAL.....	45
2.2 A VIDA COTIDIANA E A TOMADA DE POSIÇÃO NA POESIA DE DRUMMOND.....	48
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) pretende compreender de que modo a realidade cotidiana se apresenta na poesia de Carlos Drummond de Andrade e como uma experiência coletiva transforma o particular no universal, o individual no social. O método assumido nesse estudo foi o materialismo histórico-dialético uma vez que permite compreender a realidade em sua totalidade, ou seja, a ação humana e os processos históricos da forma em que se deram e como se relacionam. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, utilizando autores, preferencialmente marxistas, para análise do conteúdo proposto.

Esse estudo surge de uma identificação a nível pessoal da autora com Drummond, ambos itabiranos, e da necessidade de compreender e difundir o posicionamento sócio-político na obra do autor, visto que, por vezes, é visto como um poeta “apartidário” e sua ligação com o comunismo é apagada ou omitida.¹ Portanto, um dos objetivos desse trabalho é resgatar o contexto histórico vivido por Drummond e analisar, através da ótica marxista, como esse contexto se insere em uma ordem econômico-política mundial. Para tal, os principais autores utilizados foram Maria Cecília Minayo, que analisa o contexto de surgimento da Vale S.A. e a condição do trabalhador na mineração, e Ruy Mauro Marini que formula a Teoria Marxista da Dependência e analisa o capitalismo dependente a partir da condição da superexploração da força de trabalho na América Latina. Outro objetivo é relacionar a realidade vivida por Drummond com sua poesia para que se possa compreender como as obras *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo* tomam uma forma política e são descritas como poesia social.

O primeiro capítulo aborda os contextos sociais e históricos do período aqui retratado. O primeiro item traz elementos da biografia de Drummond e da história de Itabira, elaborações de Minayo acerca da criação da Companhia Vale do Rio Doce e o que isso acarretou, em níveis sociais, econômicos e ambientais para a cidade e seus trabalhadores, além da elucidação dessas condições através da Teoria Marxista da Dependência, marco teórico cujo um dos seus maiores expoentes é Marini. O segundo

¹ Em um artigo publicado pelo Instituto Moreira Salles, o jornalista e doutor em Literatura Marcelo Bortoloti afirma que Drummond é conhecido por “seu apartidarismo político”. Ademais, Bortoloti afirma que a candidatura do poeta pelo Partido Comunista é um “fato inusitado” e “passou batido por seus biógrafos”.

item aborda o contexto nacional e mundial no período de surgimento da Vale S.A. que, não coincidentemente, é criada durante a Segunda Guerra Mundial. A ascensão de ditaduras e do nazifascismo, bem como a Guerra Fria, também figuram nesse item uma vez que são momentos históricos importantes para a poesia e a vida pessoal de Drummond.

No segundo capítulo será apresentado uma reflexão acerca da poesia Drummondiana, usando como base o autor Affonso Romano de Sant'Anna que pesquisa a carreira do poeta e classifica suas obras em fases. Essa classificação será necessária para entender o vínculo da realidade naquele contexto histórico com a sua poesia. Além disso, o segundo capítulo traz a discussão de Gyorgy Lukács sobre uma proposta estética e viés marxista. A teoria lukacsiana é relevante para compreender os reflexos da vida cotidiana na arte, o papel histórico e social do Homem e do artista e a questão do "tomar partido", de modo a constatar que a poesia de Drummond é preenchida de posicionamento e não é algo apartidário. Por fim, esse capítulo se encerra com a exposição de poemas de Drummond que exemplificam toda a discussão apresentada no decorrer desse estudo a fim de confirmar a indagação principal acerca da influência da realidade na arte, de modo a perceber que o artista toma partido diante dos problemas que surgem na realidade cotidiana.

1 “UMA RUA COMEÇA EM ITABIRA, QUE VAI DAR EM QUALQUER PONTO DA TERRA.”

Nascido em 1902, Drummond viveu pouco tempo de sua vida em Itabira. Aos 14 anos já havia deixado a cidade para estudar na capital, porém voltou para a cidade natal por um curto período até mudar novamente para Belo Horizonte. Formou-se em Farmácia, embora não tivesse interesse pela profissão, dedicou-se à poesia e às crônicas. Foi chefe de gabinete do Ministério da Educação do ministro Gustavo Capanema, seu amigo pessoal. Em 1945 assume o jornal comunista *Tribuna Popular*, diário fundado por militantes e intelectuais ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sua última visita a Itabira se deu em 1948, ano da morte de sua mãe. (DRUMMOND, 2015).

Drummond viveu uma Itabira decadente economicamente em virtude do esgotamento do ouro em suas minas e da limitada indústria siderúrgica. Situação que somente se modifica com a criação da Companhia Vale do Rio Doce décadas mais tarde, em 1942. Desse modo, a cidade vivia do comércio e atividades agrícolas voltados para o suprimento das necessidades básicas da população. Embora decadente, a mineração foi (e ainda é) a principal atividade econômica de Itabira e 2022 marca os 80 anos de fundação da Vale, companhia que, mesmo em seu surgimento como empresa público estatal, Drummond criticou duramente. Nesse bojo, fez críticas ao sistema tributário, em específico ao Imposto Único sobre Minerais (IUM) instituído através do Decreto-Lei nº 1.038 em 1969, alegando que a distribuição do imposto entre 10% para a União, 70% para o Estado e 20% para o município, no caso Itabira, era injusto. O poeta criticou ainda a exploração ambiental e o provável esgotamento das reservas naturais do minério. Além disso, Drummond lutou pela transferência da sede da Vale, no Rio de Janeiro, para Itabira e argumentou que essa transferência poderia alterar e melhorar a realidade socioeconômica e cultural ao proporcionar uma infraestrutura moderna para Itabira. (CRUZ, 2022).

Importa ressaltar, que o contexto atual é de que há mais de 25 anos esta mineradora foi privatizada e é controlada não mais pelo governo brasileiro, mas sim, por investidores estrangeiros, o que agrava a sua forma organizativa e ofensiva sobre a classe trabalhadora e sobre a natureza. Drummond, nos dias de hoje, possivelmente teria críticas muito mais severas sobre a Vale e tamanha destruição que perpetua cotidianamente.

1.1 ITABIRA-MG: A MINERAÇÃO E AS MARCAS EM DRUMMOND A PARTIR DA CONFORMAÇÃO DO CAPITALISMO DEPENDENTE

Para se discutir a trajetória de Carlos Drummond de Andrade, seja no meio artístico ou político, não se pode deixar de lado a vivência em sua cidade natal. Itabira que nasceu do colonialismo, do extrativismo do ouro e, posteriormente, passou a explorar o minério de ferro, configura-se como um dos grandes protagonistas da poesia de Drummond.

De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros publicada em 1959, planejada por Jurandyr Pires Ferreira, o então presidente do IBGE, a história de Itabira se inicia com a descoberta das minas na região em 1720, período em que a exploração do ouro estava em seu auge. No entanto, ainda no século XVIII, a produção do ouro começa a entrar em declínio e o ferro entra como substituto na extração de metais. Nesse momento, surgem as forjas que “não só se fundia o minério de ferro, como dêle (sic) manufacturavam-se variados objetos, ferramentas e até armas [...]” (1959, p. 241) e, segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2004), essas instalações para produção de ferro surpreendiam estrangeiros pelo nível que essas indústrias possuíam. Desse modo, o ferro se mantém como motor da economia itabirana até o final do século XIX quando começa a entrar em decadência resultante da abolição da escravidão, já que a mão de obra predominante dessa indústria era de escravizados, de acordo com Minayo (2004). Itabira permanece em decadência econômica com um comércio voltado para agricultura de subsistência e a população vivendo de atividades agrícolas e pequenas indústrias.

Minayo (2004) aponta para a instalação de duas indústrias têxteis, mas que não tiveram uma participação expressiva para a economia da cidade como foi com a siderurgia e exploração do ouro. Itabira somente vê sua economia voltar a crescer na década de 1940 com a criação da CVRD, mesmo período em que havia uma guerra mundial se deflagrando e o capital internacional mirava na América Latina para suprir a necessidade de matérias-primas. Todavia, Itabira já atraía atenção de estrangeiros antes da Segunda Guerra.

A mesma autora afirma que “Em 1907, quando engenheiros da Escola de Minas de Ouro Preto vão a Itabira para inventariar as jazidas de ferro, lá encontram estrangeiros realizando, oficiosamente, o mesmo levantamento.” (2004, p. 48). Em

1910 é realizado um Congresso Internacional em Estocolmo com o objetivo de listar as minas de ferro mundiais. A *British Itabira Limited*, empresa inglesa adquire as reservas da cidade e logo cria a *Itabira Iron Ore Company*, contudo, a empresa não conseguiu operar a exploração do minério. Desse modo, Itabira é mais um exemplo para se entender o capitalismo dependente que se instauraria no Brasil e na América Latina.

Ruy Mauro Marini (2011), no ensaio *Dialética da Dependência* publicado originalmente em 1973, explica o capitalismo dependente, ou seja, as determinações da relação entre os países latino-americanos com os países de capitalismo central, expoentes do imperialismo. Nesse contexto, a América Latina cumpre um papel de fornecedor de gêneros alimentícios e matérias primas industriais à essas nações. (MARINI, 2011).

Marini (2011) salienta, no entanto, que há uma diferença entre a situação colonial e a de dependência sob os marcos do capitalismo instaurado como modo de produção hegemônico no globo como um todo. Primeiramente, é preciso ressaltar a observação que Marini faz sobre a América Latina possuir um papel importante na própria formação do capitalismo em nível mundial, especialmente através de metais preciosos, em especial o ouro que fora apropriado pelas metrópoles colonizadoras.

A partir do momento que o capitalismo vai se constituindo e estabelecendo-se a partir da grande indústria, pressupõe e impõe a divisão internacional do trabalho (DIT), ou seja, a relação em que alguns países se especializam em ramos de produção, em produção a partir de tecnologia avançada e outros produzem para atender estas demandas da metrópole e conformam-se a partir de um inferior desenvolvimento industrial.

[...] são transferidas para os países dependentes etapas inferiores da produção industrial (observe-se que a siderurgia, que correspondia a um sinal distintivo da economia industrial clássica, generalizou-se a tal ponto que países como Brasil já exportam aço), sendo reservadas para os centros imperialistas as etapas mais avançadas (como a produção de computadores e a indústria eletrônica pesada em geral, a exploração de novas fontes de energia, como a de origem nuclear etc.) e o monopólio da tecnologia correspondente. (MARINI, 2011, p. 167).

Essas relações são também, e pressupõem, a consolidação das classes sociais, em que a burguesia - classe dominante, detém os meios de produção e controla todo o processo produtivo, e aos trabalhadores não resta alternativa que não a venda da sua força de trabalho. Marini (2011, p. 134) afirma que esses países

dependentes começam a ignorar uns aos outros e “começarão a produzir e a exportar bens primários, em troca de manufaturas de consumo e – quando a exportação supera as importações – de dívidas.”

A América Latina deixa a situação colonial para a situação de dependência, sob os marcos capitalistas, com as independências políticas que aconteciam próximo à revolução industrial nas metrópoles, assim, adentrado à estrutura da divisão internacional do trabalho. É desse modo que se configura a situação de dependência do continente, passando a fornecer para o mundo, além dos alimentos, matérias-primas industriais. (MARINI, 2011).

A dependência, particularidade que o capitalismo assume na América Latina, é conforme formulação de Marini (2011, p. 134-135)

uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produções das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a supressão das relações de produção nela envolvida.

O Brasil, anteriormente colônia que fornecia metais preciosos e outros tipos de matérias-primas e produtos para as metrópoles, se conforma a partir da divisão internacional do trabalho à medida em que é inserido no mercado mundial.

Bertollo (2018, p. 56) afirma sobre esse contexto

Ao fornecer os meios de subsistência, principalmente de origem agropecuária, à classe operária industrial em formação nos países centrais possibilitou os mesmos a tornarem-se produtores mundiais de manufaturas, enquanto que a este continente coube a função de ser “quintal do mundo desenvolvido”.

E, para além de proporcionar e facilitar a acumulação do capital, a América Latina com sua participação no mercado mundial faz com que “o eixo da acumulação na economia industrial se desloque da produção de mais-valia absoluta para a de mais-valia relativa” (MARINI, 2011, p. 138). A mais-valia relativa corresponde à redução de valor à medida em que se aumenta produtividade. Marini (2011) afirma que é essa relação causal que leva a burguesia a incentivar o aumento da produtividade, pois assim poderá reduzir o valor de uma mercadoria, obtendo uma mais-valia extraordinária, ou seja, lucro extraordinário.

Nesse sentido, essa condição em que a América Latina é colocada, de um capitalismo dependente e subordinado, se dá através da superexploração da força do trabalho. Ao explorar a classe trabalhadora, a burguesia local associada ao capital

internacional extrai a mais-valia. Marini (2011) destaca três mecanismos que permitem a superexploração da força de trabalho: o aumento da intensidade do trabalho; aumento da jornada de trabalho; redução do consumo do trabalhador que, conseqüentemente, aumenta o tempo de trabalho. Portanto, esses mecanismos configuram em uma (super)exploração da classe e não um aumento da capacidade produtiva. Marini (2011, p. 149-50) afirma que com esses três mecanismos citados, o trabalhador é obrigado a

um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro [...] Ihe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal. Em termos capitalistas, esses mecanismos (que ademais podem se apresentar, e normalmente se apresentam, de forma combinada) significam que o trabalho é remunerado abaixo do seu valor e correspondem, portanto, a uma superexploração do trabalho.

Dessa forma, compreende-se que a superexploração da força do trabalho visa aumentar a massa de valor produzida e acentuar o lucro. Em razão da priorização dos lucros em detrimento do cumprimento de legislações que protegem o trabalhador e o meio-ambiente, por diversas vezes pôde-se observar como a SFT levou à acidentes que causam invalidez ou morte de trabalhadores.²

Ademais, Marini (2011, p. 155) explica que o processo de desenvolvimento da economia da América Latina em função e subordinação aos países centrais é marcado por uma contradição

chamada para contribuir com a acumulação de capital com base na capacidade produtiva do trabalho, nos países centrais, a América Latina teve de fazê-lo mediante uma acumulação baseada na superexploração do trabalhador. É nessa contradição que se radica a essência da dependência latino-americana.

Através desse controle do processo produtivo e com o desenvolvimento tecnológico, a burguesia começa também um processo de expansão além-mar que

² Em fevereiro de 2022 um funcionário da Vale morreu ao cair em um tanque de minério na Mina de Conceição, em Itabira. De acordo com reportagens, o acidente aconteceu após o rompimento de uma grade de proteção do tanque. (SILVA, *Jornal Voz Ativa*, 2022). Outro acidente similar ocorreu em junho do mesmo em Mariana, Minas Gerais, quando um operário também da Vale caiu em um tanque de minério. (PIMENTEL, *G1*, 2022). Em maio um acidente rodoviário com um micro-ônibus da Vale em Itabira matou três pessoas e outras treze ficaram feridas. (CAETANO, *G1*, 2022). Além disso, em abril de 2020, um mês após o início da pandemia do COVID-19 no Brasil, a Vale não havia suspenso as operações. Um trabalhador da empresa contraiu a doença e morreu, gerando protestos do Movimento Pela Soberania Popular na Mineração (MAM) para que a Vale suspendesse as atividades em todo o país, uma vez que a empresa contribuía para o aumento e proliferação do COVID-19. (OLIVEIRA, *Brasil de Fato*, 2020).

sobre isso Marx e Engels (2017, p.25) afirmam “Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte.”. Esse expansionismo eleva o capitalismo à um outro nível, provocando o saqueio da América Latina e, dessa forma, o imperialismo se consolida na base da exploração de outros países da periferia do capitalismo mundial. Nessa perspectiva da Divisão Internacional de Trabalho, Lênin (2012, 123-125) contribui para o entendimento sobre o Imperialismo

surgiu como desenvolvimento e continuação direta das características fundamentais do capitalismo em geral. Mas o capitalismo só se transformou em imperialismo capitalista quando chegou a um determinado grau, muito elevado, do seu desenvolvimento, quando algumas de suas características fundamentais começaram a transformar-se em seu contrário, quando as características de uma época de transição do capitalismo a uma ordem econômica e social superior ganharam corpo e se revelaram em todas as esferas. [...] O imperialismo é o capitalismo no estágio de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro; em que a exportação de capitais adquiriu marcada importância; em que a partilha do mundo pelos trustes internacionais começou; em que a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes terminou.

Portanto, pressupõe-se que alguns países estarão em estágios mais avançados do capitalismo, ou seja, as metrópoles que fizeram a colonização, além dos Estados Unidos que desponta como centro do capitalismo mundial e do imperialismo, ao passo que os países que foram colonizados se configuram em países de capitalismo dependente, especializados na produção de matérias-primas e alimentos. Desse modo, os países periféricos não conseguirão um desenvolvimento industrial forte para competir com os países centrais, tese está defendida por apologetas do capitalismo.

Considerando essa discussão do lugar dos países periféricos na Divisão Internacional de Trabalho e a exploração condicionada à esses países, Marini (2011) demonstra que a condição que se configura para a América Latina e que, conseqüentemente podemos relacionar com a realidade de Itabira é a de dependência. O minério de ferro extraído em Itabira sai da cidade mineira e vai para os países de economia central. Marini (2011) aponta que, a partir dessa produção para exportação, os trabalhadores precisam sacrificar o consumo individual para atender a demanda de exportação do mercado mundial, enfraquecendo a demanda interna. Portanto, de acordo com Marini (2011, p. 163) “A industrialização latino-americana não cria [...] sua própria demanda, mas nasce para atender a uma

demanda preexistente, e se estruturará em função das exigências de mercado procedentes dos países avançados.”.

Acompanhando, e de certa forma determinando, o capitalismo dependente e o processo de subserviência às economias centrais, em 1942 — durante o curso da Segunda Guerra Mundial — são realizados os Acordos de Washington, acordo entre Brasil, Estados Unidos e Inglaterra.

A guerra que acontecia naquele momento urgiu a necessidade de matérias-primas para a indústria bélica e, prevendo a escassez desses produtos, realizou-se o acordo entre os aliados. Ficou acordado que a Inglaterra devolveria ao Brasil as jazidas compradas pela *British Itabira Company*; o Brasil criaria uma empresa para explorar essas jazidas, retomar o controle da Estrada de Ferro Vitória-Minas e expandi-la até Itabira de forma que pudesse exportar 1,5 milhões de toneladas de minério de ferro para Estados Unidos e Inglaterra durante três anos; já aos Estados Unidos caberia o fornecimento de equipamentos e técnicos para conduzir as obras de expansão e mecanização, além de conceder empréstimos para o pagamento desses equipamentos e técnicos (MINAYO, 2004).

A Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) nasce para cumprir a parte do Brasil nos Acordos, sendo seus objetivos:

(1) explorar, comercializar e transportar o minério de ferro das minas de Itabira; (2) explorar o tráfego da Estrada de Ferro Vitória-Minas e melhorar e desenvolver a região do vale do Rio Doce. Para realizar suas finalidades, a CVRD (1) adquire o acervo da ferrovia, (2) recebe as propriedades da *British Itabira Company*; (3) assume a responsabilidade pelas despesas da construção do cais de Minério de Ferro no Porto de Vitória e (4) e lança-se, desde então, num amplo programa de saneamento e incentivo à industrialização da região do Vale do Rio Doce. (MINAYO, 2004, p. 58).

Minayo (2004) aponta que o período entre 1942 e 1951 era chamado de época do “muque” pelos próprios trabalhadores em razão do trabalho braçal realizado, sem apoio de máquinas ou instrumentos tecnológicos.

a cooperação na produção de minério nessa fase inicial se faz de forma simples, a divisão do trabalho é rudimentar e os instrumentos de produção são praticamente uma continuidade dos usados no campo ou noutros trabalhos braçais. Para furar a rocha e colocar dinamite, os operários usam o ponteiro manual; para quebrar as pedras, a marreta; para recolher o minério e colocá-lo nos depósitos, o garfo de ferro; para transportar o minério de ferro, as galeotas — uma espécie de carrocinha com rodas de ferro, puxada pelos próprios homens em pequenas distâncias, ou por burros em distâncias maiores. Além desses instrumentos, ali estão ainda a enxada, a foice, o machado, a picareta, companheiros habituais de trabalho em jornadas anteriores, aqui usadas para limpar matas e construir estradas, a favor do escoamento do minério. (MINAYO, 2004, p. 88).

A autora resgata documentos da CVRD que contabilizam 6 mil trabalhadores recrutados para extrair o minério, construir, ampliar e reformar estradas e ferrovias. Minayo (2004) aponta que 70% da mão de obra era de origem rural e os outros 30% de origem urbana e afirma que para se entender a condição do trabalhador naquele momento de recrutamento, precisa-se compreender a situação econômica que Itabira vivia no fim da década de 1930, que como discutida anteriormente, era um cenário de decadência, com toda a produção voltada para a subsistência. A produção têxtil estava em decadência e o único setor que crescia era a metalurgia, chegando a compreender 90% da produção de ferro, 60% de aço e 50% de laminados do país. Minayo (2004, p.91) afirma que os primeiros trabalhadores da CVRD

[...] se constituem, à época, naquela força de trabalho de reserva do campo e da cidade, dispersa, sem chegar a se configurar como uma classe ou segmento. Por não serem uma categoria formalmente absorvida pelo mercado de trabalho e não possuírem instrumentos de organização e defesa coletivos, vivem absolutamente dedicados à sobrevivência do dia-a-dia.

Com cerca de 70% da força de trabalho proveniente do campo, Minayo (2004) afirma que o cultivo de gêneros alimentícios das fazendas da região de Itabira destinadas ao mercado local entrou em declínio com o surgimento da CVRD, uma vez que os trabalhadores abandonam a agricultura para o setor da mineração, além da desapropriação de terras que passam a ser propriedade da CVRD.

Ainda que criada visando fornecer matéria-prima para a indústria bélica durante a Segunda Guerra, a CVRD sofre as consequências da agonizante economia mundial. E em 1945 acontece a primeira greve dos operários da CVRD. Minayo (2004, p. 115) aponta que

Os termos do Acordo de Washington estavam sendo cumpridos apenas em parte, por causa do contexto de depressão do período pós-guerra, quando o mercado internacional de minério entra recessão. Em 1944 a Vale consegue exportar 127.194 toneladas de minério de ferro e em 1945 as vendas caem para 101.694 toneladas/ano. [...] Exatamente em 1945, a Inglaterra, uma das parceiras do Acordo de Washington, cancela seu contrato de compra, enquanto os Estados Unidos diminuem o ritmo de sua colaboração com o Brasil. Apenas em 1944 esse país começa a enviar os equipamentos para aparelhar a Estrada de Ferro e a exploração da mina [...]. Nessa etapa histórico, portanto, é o governo brasileiro que banca a implementação da Companhia ao mesmo tempo em que obtém prejuízos no comércio internacional.

Diante desse cenário, a CVRD começa a enfrentar dificuldades em manter o contingente de força de trabalho. Os operários listaram como motivos para a greve “os constantes atrasos no pagamento dos salários, as duras condições de trabalho, as excessivas exigências de produção e a falta de transporte para locomoção até o

alto do Caue” (MINAYO, 2004, p.117). Esses trabalhadores se revoltaram utilizando instrumentos de trabalho como armas, ameaçando e quebrando os locais de trabalho. Contudo, a revolta foi prontamente contida com o uso da polícia e de 60 soldados vindos de Belo Horizonte. Embora a greve não tenha se estendido por muito tempo, ela é o suficiente para mostrar as condições de trabalho que os operários enfrentavam naquela época e como essas péssimas condições irão se manter mesmo após o início da mecanização do trabalho em 1952.

É somente com o Plano Marshall — programa de ajuda formulado pelos Estados Unidos para reconstruir os países aliados da Europa no pós-guerra — em 1947 que a empresa atinge uma estabilidade. O plano de exportar 1,5 milhões de toneladas como definido nos Acordos de Washington só é atingido em 1952 (MINAYO, 2004). É em 1952 também que se inicia o Projeto Cauê, que visava a mecanização e modernização da extração de minério em Itabira. Minayo (2004) cobre um período de 20 anos em seu estudo, de 1952 a 1972.

As etapas de produção continuam as mesmas, isto é, extrair, britar, transportar e embarcar o minério para os compradores internacionais. A entrada das máquinas, porém, tornando o processo 100% mecanizado, aumenta a divisão do trabalho assim como a hierarquização e a diferenciação interna dos trabalhadores. (MINAYO, 2004, p. 131)

Tendo em vista essa mecanização e intensificação da jornada de trabalho que se sucede, Minayo (2004, p. 141) explicita uma das características do capitalismo dependente e da superexploração da força de trabalho ao dizer que no funcionamento das máquinas e equipamentos da exploração do minério “está a tendência a produzir indefinidamente, tendo como único limite, a resistência que lhe coloca o operador.” A autora também descreve as mudanças da jornada de trabalho a partir daquele momento como a determinação de três turnos, ou seja, uma jornada de 24 horas de trabalho em alternância que é prejudicial à saúde do trabalhador, uma vez que interfere em seu ritmo biológico, além de também prejudicar a vida social. Além disso, a empresa passa a prolongar o tempo de trabalho amparando-se legalmente na lei sobre as horas-extras. Minayo (2004, p. 143) traz depoimentos de operários que mostram que essa mecanização também afetou seus espaços privados e domésticos. As máquinas exigiam manutenções e mensageiros entravam nas casas dos trabalhadores independente do horário para demandar que fizessem a manutenção. Era frequente a “invasão de sua área doméstica e de seu tempo livre pelo espaço e

pelo tempo da produção.” Ainda sobre as condições de trabalho, Minayo (2004, p.144-145) mostra que

O manejo dos equipamentos (caminhão duro, máquinas difíceis de serem operadas e mantidas), jornadas extensas e cansativas, alternância de turnos, precariedade dos transportes para o local de trabalho nos famosos caminhões “manda-brasa”, a insalubridade do ambiente, a invasão do espaço doméstico pela esfera da produção, tudo é lembrado por esses homens afeitos às duras atividades da mineração. [...] Os métodos de coerção, como na época anterior, enfatizam a violência, os maus tratos e arbitrariedade nas relações, só amenizadas, quando os operários conseguem tirar partido de relações pessoais com essas autoridades, tanto para ascenderem como para terem algumas vantagens ou privilégios no dia-a-dia do trabalho.

A condição descrita por Minayo (2004) retoma a discussão sobre a superexploração da força de trabalho em Marini (2011), não há um aumento da capacidade produtiva do trabalhador, mas sim a superexploração do trabalhador através dos três mecanismos já citados anteriormente nessa discussão.

A CVRD foi privatizada em 1997 por um valor muito abaixo do que seu valor de mercado a época. Dados apontam que em 1997, a CVRD valia R\$ 12,5 bilhões e foi vendida por cerca de R\$ 3,3 bilhões. Além disso, a venda da empresa só foi possível após a aprovação de uma PEC em 1995 que alterava a Constituição Federal de 1989 que não permitia a exploração de minério no Brasil por parte de empresas estrangeiras. (KONCHINSKI, Brasil de Fato, 2022). Importa ressaltar que a mineradora, posteriormente à sua privatização, passa a ser denominada somente de Vale S.A.,

Em Itabira, a atuação da Vale S.A foi (e é) predatória, consumindo a paisagem natural da cidade. O pico do Cauê, cenário marcante e recorrente na fala dos moradores mais antigos, foi completamente extinguido pela mineração, tornando-se uma cratera e restando para a população mais nova somente a memória contada pelas gerações mais velhas. Contudo, Itabira não foi a única vítima da Vale, em 2015 e 2019 pôde-se observar os crimes cometidos pela empresa com os rompimentos da barragem de Fundão em Mariana e da barragem B1 da mina Córrego do Feijão em Brumadinho.³ Os crimes sócio-ambientais provocados pela Vale são “permitidos” pelo capitalismo dependente e predatório, uma vez que não há fiscalização e regulação

³ Em Itabira há 15 barragens pertencentes à Vale, cinco delas ficando próximas às áreas Urbanas sendo duas delas as maiores, Pontal e Itabiruçu. Essa cinco barragens somam um armazenamento de rejeitos de 423 milhões de m³, um volume 33 vezes maior do que a barragem que se rompeu em Brumadinho. Segundo o então prefeito Ronaldo Magalhães, cerca de 14 mil habitantes estariam em risco caso as barragens se rompessem. (BARIFOUSE, BBC News Brasil, 2019)

rígida por parte do Estado. Sobre isso, Bertollo (2018, p. 205) afirma que crimes ambientais como o rompimento de barragens encontram-se

neste movimento assumido pelo modo de produção socialmente hegemônico nos últimos séculos, movimento este que é acentuado em sua fase contemporânea: o capitalismo monopolista, cujo um dos traços fundamentais é o avanço do capital sobre os mais longínquos territórios do globo, a fim de conseguir implementar um processo de trabalho pautado na superexploração da força de trabalho e na depredação da natureza.

Esse cenário, a atividade e consequências da mineração no local de nascimento e vida de Drummond acaba por se tornar um tema frequente na poesia e literatura do poeta itabirano. Wisnik (2018, p.77) observa que “A obra de Carlos Drummond de Andrade convive surdamente com a trama das maquinações minerais que se desenrolam no país ao longo do século XX.” Sua última passagem pela cidade foi em 1948, ano da morte de sua mãe, e para Drummond, Itabira permanece em sua vida somente como memória — ou como o próprio poeta disse “Itabira é apenas uma fotografia na parede.” (DRUMMOND, 2012, p. 13). Em uma entrevista para Leda Nagle em 1981, Drummond afirma não fazer “pouco caso” da cidade como os moradores diziam, pelo contrário, Itabira era parte “da minha vida, do meu ser” e explica que não volta para a cidade porque já não é a mesma, citando a CVRD como uma das razões:

“Como eu não vou lá, porque em Itabira meus parentes morreram, os meus amigos morreram. Itabira hoje é uma cidade de talvez 100 mil habitantes de gente de fora, daquela Companhia Vale do Rio Doce que faz a extração do minério. Então eu vou lá para quê? Para ver um passado meu que não existe? Para sofrer, para me angustiar?” (Jornal Hoje, 1981)

Ainda nessa entrevista, Drummond diz que quando precisa “meter o pau na Companhia Vale do Rio Doce” ele o faz, criticando a atuação da empresa na cidade, mas ressalta que “não adianta nada”. O poeta se diz melhor itabirano se posicionando contra a empresa à distância, do que retornando para “assistir as ruínas do meu tempo”. Essa posição de Itabira na vida e na arte de Drummond é reafirmada por Wisnik (2018, p. 44) “o passado volta insistentemente como matéria do presente, que ilumina, por sua vez, a origem: a seu modo, a história mundial está queimando e se desnudando ali.”

Figura 1 - Pico do Cauê em 1942



Fonte: Companhia Vale do Rio Doce.

Figura 2 - Pico do Cauê atualmente



Fonte: Field Actions Science Reports.

1.2 DISPUTAS MUNDIAIS: A ASCENSÃO DO NAZIFASCISMO E A GUERRA FRIA

Paralelamente ao reaquecimento da indústria da mineração em Itabira, acontecia a Segunda Guerra Mundial. A ascensão do fascismo na Itália e a ascensão do Nazismo na Alemanha. A Guerra Fria, disputa econômico-ideológica entre Estados Unidos x União Soviética, capitalismo x socialismo, que se estende por oito décadas (mas aqui nos atentaremos ao período entre 1940 e 1947). Estes acontecimentos conformam a esteira da história recente que conforma os dias atuais.

O fascismo chegou ao poder na Itália com Benito Mussolini em 1922 em uma manifestação que ficou conhecida como “Marcha sobre Roma”. Embora comumente vista como um golpe de Estado, Donald Sassoon (2009, p.8) argumenta que Mussolini chegou ao poder legalmente, “fora designado constitucionalmente, prestara juramento de fidelidade ao rei e à Constituição e apresentara seu programa de governo ao Parlamento, dele solicitando e obtendo plenos poderes.” Mesmo com toda legalidade que foi tomado o governo, Mussolini e seus seguidores fizeram parecer que o poder havia sido tomado pela força e que a Itália estaria sob uma ocupação armada dos camisas-negras. Além da legalidade constitucional com que chegou ao poder, Mussolini também não enfrentou grande oposição da burguesia, sendo a eles permitido comportar-se da maneira que quisessem, “Na verdade, permitira-se que os fascistas se comportassem como um Estado dentro do Estado, [...]. A legitimação dos fascistas não podia ser mais óbvia.” (SASSOON, 2009, p. 13). Até mesmo aqueles que desprezavam Mussolini, como o caso do jornal *Corriere della sera*, o consideravam como um mal necessário para evitar a ascensão do socialismo. As elites se sentiam aliviadas pelo respeito que Mussolini tinha para com as instituições e, supostamente, não cedia ao radicalismo dos camisas-negras.

Mussolini chegou ao poder sem força eleitoral, sem apoio da população e sem o controle dos militares e em cinco anos saiu da constitucionalidade garantida pela monarquia para a ditadura: o sistema eleitoral foi reestruturado para garantir a maioria em favor de Mussolini; os opositores (dentre eles socialistas, comunistas, liberais e até mesmo conservadores arrependidos do apoio ao fascismo) foram destituídos de cargos de poder, espancados nas ruas e forçados ao exílio ou prisão; a imprensa recebeu novas restrições; houve a abolição de todos os partidos políticos. Sassoon

(2009) também afirma que o Partido Fascista perde importância, não sendo mais necessário para Mussolini.

Na Alemanha, Hitler chegou ao poder uma década depois de Mussolini na Itália. Em 1933 Adolf Hitler foi designado à chancelaria pelo então presidente alemão Paul von Hindenburg. Hitler estava de frente com as consequências do fim da Primeira Guerra Mundial e do Tratado de Versalhes que declarava a Alemanha como a única culpada pela guerra, retirando territórios do domínio alemão e obrigando à diminuição das forças militares, privando o país de possuir uma força aérea e marinha (HOBSBAWM, 1995).

Além disso, a Crise de 1929 agravou a situação da Alemanha que estava dependente de empréstimos dos Estados Unidos. Caíram os salários, preços, produção industrial e agrícola (que já estava em queda desde 1928), o desemprego atingia 14% da população apta ao trabalho. Hitler aproveitou-se da crise para discursar em favor da recuperação do que foi perdido com o Tratado de Versalhes, além de uma retratação pela humilhação que o Tratado submeteu a Alemanha. Embora tenha conquistado um substancial apoio popular, Hitler perdeu as eleições de 1932 para Hindenburg, que mais tarde em 1933 o nomeia chanceler. (KERSHAW, 2017)

Assim como Mussolini, Hitler ascendeu ao poder por vias legais. No entanto, além do discurso orgulhoso contra o Tratado de Versalhes, já professava sobre a erradicação do marxismo e a remoção dos judeus. Apesar do discurso violento, Hitler havia sido subestimado e ignorado tanto por pessoas da direita e como da esquerda. (KERSHAW, 2017).

Ainda em fevereiro de 1933, o Reichstag, parlamento alemão, foi incendiado. Os comunistas foram acusados pelos nazistas como os perpetradores. O incêndio abriu o caminho para a ditadura em vista de ameaça de um levante comunista. Foi lançado um decreto de emergência que suspendia temporariamente as liberdades individuais, liberdade de imprensa e deliberou o direito de intervenção por parte do governo para restaurar a ordem, ou seja, Hitler poderia aprovar leis, ainda que inconstitucionais, sem passar pela aprovação do parlamento ou do presidente. Os comunistas, social-democratas, sindicalistas e intelectuais da esquerda foram presos e torturados. Kershaw (2017) aponta que em abril, somente na Prússia, já havia 25 mil presos. Com o incêndio no Reichstag e o terror que veio logo após, Hitler

conseguiu maioria nos assentos do novo parlamento. Posteriormente, todos os partidos políticos foram dissolvidos, permitindo apenas a existência do Partido Nazista, tornando-se assim, um Estado unipartidário.

A aproximação entre Alemanha e Itália se dá em 1936, ambos de acordo com a luta contra o comunismo, o reconhecimento do possível governo de Francisco Franco na Espanha, a anexação da Abissínia pela Alemanha e o acordo austro-germânico (KERSHAW, 2017). O pacto entre os dois países ficou conhecido como o “Eixo”. Mais tarde, Hitler fez outro pacto, dessa vez com o Japão que também se lançavam como inimigos do bolchevismo.

A Segunda Guerra Mundial se inicia em 1º de setembro de 1939 com a Alemanha invadindo a Polônia. Dias antes da invasão, Chamberlain, o então primeiro-ministro do Reino Unido ordenou a mobilização de suas forças, dando prioridade para as defesas antiaéreas e costeiras, preparando-se para a possível guerra que poderia eclodir. Em 3 de setembro, Chamberlain declarava guerra à Alemanha. Outros países como Austrália, Nova Zelândia, Índia, África do Sul e Canadá também entraram na guerra dias depois. Em 17 de setembro a União Soviética invade a Polônia com a justificativa de proteção dos bielorrussos étnicos e ucranianos (BEEVOR, 2015). Apesar da invasão, a URSS não entrou oficialmente na guerra devido ao Pacto Molotov-Ribbentrop, um acordo de não-agressão firmado entre Stalin e Hitler.

É importante ressaltar que o pacto não significou uma aliança entre Alemanha Nazista e União Soviética. O historiador Jones Manoel no artigo *Contra o revisionismo histórico: o pacto de não agressão germano-soviético e a Segunda Guerra Mundial* disponível no Blog da Boitempo (2019), retoma um diálogo apresentado por Losurdo em sua obra *Stálin: uma história crítica de uma lenda negra* ocorrido em 25 de novembro em Moscou entre Dimitrov, líder da Internacional Comunista, e Molotov, diplomata soviético. Através desse diálogo é possível perceber que

os principais dirigentes políticos da URSS estavam plenamente cientes que o pacto era um expediente tático para evitar o isolamento da URSS e a guerra em duas frentes, que não significa, de forma alguma, abrir mão de combater o nazismo. (MANOEL, 2019, Blog da Boitempo)

Portanto, entende-se que o Pacto Molotov-Ribbentrop para a URSS visava sua proteção em termos militares e territoriais e não uma aproximação ideológica com Hitler e o nazismo.

O Japão, embora ter evitado a guerra contra o Reino Unido e a França quando o conflito eclodiu, somente declarando guerra ao Reino Unido e aos Estados Unidos em 1941 (HOBSBAWM, 1995), já se encontrava em uma guerra contra a China desde 1937. Segundo Pomar (2003, p.59), o objetivo do Japão na China era de subjugar-la e colonizá-la, para que assim pudesse “expulsar as potências ocidentais da Ásia e consolidar-se como único imperialismo na região.” E em 1940 é assinado o Pacto Tripartite entre Alemanha, Itália e Japão, visando uma defesa mútua entre os três países caso fossem atacados por outras nações.

A União Soviética somente declara guerra à Alemanha Nazista quando esta, em 1941, invade o território soviético na Operação Barbarossa. A invasão tinha um claro objetivo: a eliminação do bolchevismo.

Embora a grandeza do ataque militar, que causou expressivas baixas em termos humanos e militares para a União Soviética, Kershaw (2017) afirma sobre a Operação, Hitler havia cometido erros de cálculo e a estratégia da *Blitzkrieg* subestimou a URSS e baseava-se em um otimismo extremo e possuía recursos limitados. Hobsbawm (1995, p. 47) afirma que a invasão foi insensata “pois comprometia a Alemanha numa guerra em duas frentes”. A União Soviética era o país que enfrentava o maior número de divisões do exército alemão. Segundo Cadima (2015, *apud* MANOEL, 2019) “Ao longo do ano 1942 o Exército Soviético combatia contra 98% do Exército Alemão operacional – 178 divisões concentradas na frente leste – enquanto que os britânicos combatiam contra quatro no Norte de África.”. Apesar do erro em acreditar que seria uma guerra ganha fácil, a Alemanha obteve êxito num primeiro momento. O exército alemão chegou aos arredores de Moscou alguns meses após a invasão, mas Hobsbawm aponta que as “dimensões das reservas de espaço, força humana, valentia física e patriotismo russos, e um implacável esforço de guerra, derrotaram os alemães e deram à URSS tempo para se organizar efetivamente.” (p. 1995, 47)

Em dezembro de 1941, visando uma expansão imperial pelo Oceano Pacífico, o Japão força a entrada dos Estados Unidos ao atacar Pearl Harbor, no Havaí. A frota estadunidense ancorada em Pearl Harbor havia sido afundada ou fortemente danificada. O então presidente norte-americano Roosevelt declarou guerra ao país asiático na manhã do dia seguinte ao ataque. Dias depois Hitler declarou guerra aos EUA ao permitir que seus submarinos afundassem os navios estadunidenses. Ao

mesmo tempo que declarava guerra à potência norte-americana, Hitler reafirmava a intenção de aniquilação dos judeus. (KERSHAW, 2017).

Uma *nova Barbarossa* seria lançada em 1942, dessa vez chamada de Operação Azul. A operação tinha como objetivos a tomada de Voronezh, cercar o Exército Vermelho e Don e tomar Stalingrado. As forças soviéticas não ofereceram grande resistência num primeiro momento e os alemães avançavam rapidamente. Com o avanço dos alemães e o exército soviético sendo forçado a recuar para a periferia de Stalingrado, foi declarado estado de sítio na cidade. Hitler ordenou que toda a população masculina de Stalingrado fosse liquidada. (BEEVOR, 2015). A batalha por Stalingrado se revelou uma das mais sangrentas da guerra, contudo é também vista como a batalha que mudou os rumos da Guerra. O Exército Vermelho conseguiu deter os alemães que se renderam e, posteriormente, começaram o avanço até Berlim: “De Stalingrado em diante, todo mundo sabia que a derrota da Alemanha era só uma questão de tempo.” (HOBSBAWM, 1995, p. 47). O Dia D, como ficou conhecido os desembarques na Normandia, também marcaram mais uma derrota para a Alemanha Nazista. Ocorrido em 1944, os Aliados desembarcaram em um operação via mar para iniciar a libertação da Europa ocupada pelos nazistas.

Com o Exército Vermelho ocupando Berlim e a derrota iminente, Hitler suicidou-se em abril de 1945. Após sua morte, a bandeira da União Soviética foi hasteada sobre o *Reichstag* simbolizando a vitória militar da URSS sobre o Terceiro Reich, a rendição da Alemanha veio dias depois em 8 de maio. Embora com a rendição da Alemanha e da Itália, a Guerra só teve seu fim oficialmente em setembro de 1945 com a rendição do Japão após as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki e a declaração de guerra por parte da União Soviética.

1.2.1 Brasil na Era Vargas: Crescimento do fascismo integralista e entrada na Segunda Guerra Mundial

No período de ascensão do Nazifascismo, o Brasil estava sob o governo de Getúlio Vargas iniciado em 1930 e posteriormente vivenciaria o Estado Novo, como foi o chamado o período pós-golpe em 1937. O governo anterior ao Estado Novo se formou do fato que foi chamado de ‘Revolução de 1930’ e se construiu com a derrota de Vargas nas eleições daquele ano, que fora lançado como candidato pela Aliança Liberal e propunha reformas políticas a fim de assegurar a lisura das eleições e a

instauração do voto secreto. Além disso, saiu em defesa de direitos sociais, trabalhistas e de uma diversificação da economia (2007, Pandolfi *in* FERREIRA; ALMEIDA). O Governo Provisório decretou o fechamento do Congresso Nacional e a revogação da Constituição de 1891. Pandolfi (2007, p. 19-20 *in* FERREIRA; ALMEIDA) elenca diversas medidas tomadas pelo Governo Provisório

Na área social, [...] foram criados o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, chamado Ministério da Revolução, e o Ministério da Educação e Saúde Pública. [...] foi promulgada uma série de decretos e leis de proteção ao trabalhador. [...] O investimento na questão social era reforçado por uma legislação sindical cujo objetivo maior era subordinar os sindicatos à tutela do Estado. [...] No campo econômico, as medidas adotadas no imediato pós-1930 também foram centralizadoras e intervencionistas. O governo desejava exercer um controle maior sobre a produção e comercialização dos principais produtos agrícolas.

O fim do Governo Provisório veio em 1934 com a eleição indireta de Vargas. Segundo Pandolfi (2007, p. 29 *in* FERREIRA; ALMEIDA), a Constituição de 1934 “propunha um modelo de Estado mais liberal e menos centralizador do que desejava Vargas.” Algumas medidas já adotadas no Governo Provisório foram mantidas e os direitos sociais e o direito ao voto foram estendidos. Pandolfi aponta que a reconstitucionalização permitiu maior participações políticas e movimentação social, surgindo nesse período duas grandes organizações não-partidárias: a Ação Integralista Brasileira (AIB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL). A primeira foi fundada por Plínio Salgado em 1932 e teve como influência o fascismo italiano, “Pautava-se por um nacionalismo e um moralismo extremados, o que a fez ter muitos adeptos entre militares e católicos” (PANDOLFI, 2007, p. 31 *in* FERREIRA; ALMEIDA). Os membros da AIB nomeados como integralistas usavam camisas verdes (algunha pela qual também ficaram conhecidos) e usavam o sigma como símbolo da organização. Pandolfi afirma também que os integralistas inicialmente apoiavam o governo Vargas, especialmente no posicionamento anticomunista. Segundo Maio e Cytrynowicz (2007 *in* FERREIRA; ALMEIDA), a AIB se configura a partir de pequenos grupos partidários da extrema-direita do Brasil, se inspirando em nos movimentos fascistas da Europa que surgiram após a Primeira Guerra Mundial e com a ascensão de Hitler na Alemanha. Os autores apontam para a importância e expressividade que a AIB possuiu no país, comportando entre 500 mil e 800 mil membros e, posteriormente, ao se tornarem um partido político em 1936, atuaram no executivo e legislativo, elegendo um número estimado de 500 vereadores, 20 prefeitos e 4 deputados estaduais. Maio e Cytrynowicz (2007 *in* FERREIRA; ALMEIDA),)

afirmam que os integralistas tiveram um papel fundamental na instauração do Estado Novo, ajudando Vargas a combater o liberalismo e o comunismo. Contudo, os integralistas participavam de espionagens e possuíam contato com os países do Eixo, o que dificultava uma aproximação total entre a AIB e o Estado Novo. Entre os principais inimigos da AIB estavam o comunismo, a democracia, liberalismo e o judaísmo.

A ANL, por sua vez, criada em 1935, se inspirou nas frentes populares europeias que lutavam contra ao avanço do nazifascismo. Desse modo, eram opositores de Vargas, defendendo medidas anti-imperialistas, reforma agrária e liberdades públicas. Dentre os integrantes da ANL havia socialistas, comunistas e liberais, sendo Luís Carlos Prestes, líder comunista, o presidente. A ANL cresceu rapidamente, mas foi colocada na ilegalidade meses após a criação e passou a agir clandestinamente, preparando um movimento armado para derrubar Vargas. O levante que ficou conhecido como 'Intentona Comunista' foi rapidamente contido, uma vez que não possuiu expressiva e ampla participação do operariado. A revolta levou a uma onda de repressão por parte do Governo que não se limitou aos comunistas, mas também reprimiu qualquer opositor do regime (PANDOLFI, 2007 *in* FERREIRA; ALMEIDA).

A despeito do fracasso, a chamada revolta comunista serviu de forte pretexto para o fechamento do regime. A partir de novembro de 1935, o Congresso passou a aprovar uma série de medidas que cerceavam seu próprio poder, enquanto o Executivo ganhava poderes de repressão praticamente ilimitados. [...] o Congresso aprovou a Lei de Segurança Nacional, suprimindo diversas franquias democráticas presentes na Constituição de 1934. A lei previa a censura aos meios de comunicação e prisão de um a dez anos para aqueles que estimulassem ou promovessem manifestações de indisciplina nas Forças Armadas ou greves nos serviços públicos (PANDOLFI, 2007, p. 33 *in* FERREIRA; ALMEIDA).

Ainda que com o poder reforçado, Vargas não possuía a maioria no Congresso para garantir sua reeleição em 1938. Visando a prorrogação do estado de guerra, anteriormente rejeitada pelo Congresso, o governo lançou na imprensa um documento que detalhava o Plano Cohen, o que seria uma insurreição comunista no Brasil. Com receio dessa nova ameaça comunista, meses depois a Câmara dos Deputados aprovou o retorno ao estado de guerra. No final de 1937, o Congresso Nacional foi fechado e o Estado Novo se iniciava, mantendo Vargas no poder (PANDOLFI, 2007 *in* FERREIRA; ALMEIDA).

Maria Helena Capelato (2007, p. 113 *in* FERREIRA; ALMEIDA) afirma que o Estado Novo possuía influência europeia e “definiu-se pelo autoritarismo graças ao intenso controle político, social e cultural e pelo cerceamento das liberdades em muitos planos; houve repressão e violência extrema expressa nos atos de tortura.”. A propaganda política e repressão foram as principais estratégias utilizadas para assegurar a legitimidade do novo regime. Aqueles que apoiavam o governo deveriam enaltecer e divulgar a ideologia, ao passo que os opositores foram silenciados. Parte da imprensa passou a apoiar o governo e a outra parte que não se submeteu ao poder foi censurada. A máquina de propaganda política se alavancou com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda que “tinha o encargo de produzir material de propaganda, incentivando a produção de cartazes, objetos, espetáculos, livros e artigos enaltecendo o poder.” (CAPELATO, 2007, p. 123 *in* FERREIRA; ALMEIDA). Além da organização e controle da propaganda e censura, a repressão foi alicerce do regime. Luís Carlos Prestes, que liderou a ‘Intentona Comunista’ em 1935, foi preso e sua companheira Olga Benário, militante comunista alemã, foi deportada grávida para a Alemanha Nazista, onde foi assassinada em uma câmara de gás em 1942. Capelato (2007) ainda aponta que, apesar das afinidades com o nazifascismo, o governo não assumia a ideologia oficialmente, chegando a perseguir e torturar também os integralistas, estes que se declaravam explicitamente fascistas.

Além do fascismo integralista, no Brasil, segundo Durval Lourenço Pereira (2015), havia em torno de 2.300 associações alemãs e grande parte delas eram controladas por nazistas. Com uma população de mais de um milhão, sendo desses 220 mil nascidos no país germânico, os alemães no Brasil possuíam um controle de 10% da indústria e 12% do comércio. Embora a Alemanha Nazista tentou se aproximar do Estado Novo e estabelecer relações econômicas, o Partido Nazista no Brasil também foi colocado na ilegalidade.

O Brasil entra na Segunda Guerra somente em 1942 e Pereira (2015) explica que a historiografia sobre esse período traz, por muitas vezes, motivações reducionistas sobre a entrada do país no conflito. O autor argumenta que a pressão dos Estados Unidos sobre o Brasil não o obrigou a entrar na guerra, ele acrescenta que as Forças Armadas eram frágeis e possuíam tradição pacifista, assim, declarar guerra ao Eixo traria consequências para a soberania nacional. Além disso, a tentativa fracassada de diplomacia alemã e o nacionalismo brasileiro em conflito com o alemão

são importantes para a definição do posicionamento do Estado Novo diante da Guerra. Em janeiro de 1942, o Brasil decide por romper as relações com Alemanha, Itália e Japão em um discurso feito por Oswaldo Aranha, Ministro das Relações Exteriores. Posteriormente, esse rompimento diplomático levou o Brasil a perder navios que foram afundados pelo Eixo. (PEREIRA, 2015). Diante disso, a sociedade brasileira fez pressão sobre o governo para declarar guerra aos países do Eixo. A União Nacional dos Estudantes (UNE) organizou manifestações se posicionando ao lado dos Aliados e outras diversas passeatas se irromperam pelo país. Criou-se também um clima de hostilidade para com os alemães e japoneses que viviam no Brasil, esses tiveram comércios, residenciais e clubes atacados pela população. Em agosto do mesmo ano, o Brasil declara guerra ao Eixo, mas é somente em 1944 que o país envia soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) para combate na Itália. (CAPELATO, 2007).

Junto com o fim da Segunda Guerra Mundial chegou ao final também o Estado Novo. Capelato (2007) afirma que as contradições entre o autoritarismo interno e apoio à democracia no âmbito internacional provocaram o enfraquecimento de Vargas. Somado a isso, havia a situação econômica que a população enfrentava com o aumento dos preços de produtos do consumo básico. Assim, o Estado Novo passava a enfrentar resistências e foi derrubado por um golpe militar.

1.2.2 A reconstrução do mundo e as tensões ideológicas

A Segunda Guerra deixou a Europa arrasada em termos humanos e materiais. Tony Judt (2011) aponta que a maioria dos danos materiais se concentravam em casas e edifícios residenciais, deixando estimados 25 milhões de desabrigados na União Soviética e 20 milhões na Alemanha, na França foram perdidas 500 mil residências nos dois anos finais do conflito. Ao final da Guerra a França possuía somente 2.800 locomotivas funcionais das 12 mil existentes antes da guerra, além de ter perdido pontes, ferrovias e rodovias que foram explodidas. O autor afirma que, embora os países do Oeste Europeu tenham sofrido perdas significativas (como a inundação de 219 mil hectares e redução de transportes a 40% da Holanda), a destruição maior se concentrava no Leste e Sudeste Europeu. A União Soviética perdeu 70 mil vilarejos, 1.700 cidades pequenas, 32 mil fábricas e 63 mil quilômetros em ferrovias. A Grécia teve um terço de suas florestas destruídas e vilarejos apagados

do mapa. A Iugoslávia perdeu 75% das terras cultiváveis e 10% de sua população. Além da perda material, o número de vidas humanas perdidas é extenso. Estima-se um total de 36,5 milhões de europeus mortos e 19 milhões de civis não-combatentes, dos quais 16 milhões somente na União Soviética. A URSS também foi o país que mais apresentou baixas militares, estimando um total de 8,6 milhões. (JUDT, 2011). Com toda a destruição provocada pela Guerra, era inevitável que a Europa atravessasse uma crise econômica agravada pela péssima safra e inverno de 1946. (HOBSBAWM, 1995).

Somando esses fatores, o medo da ameaça comunista e expansão soviética reascendeu, embora Hobsbawm (1995, p. 230) afirmou que a União Soviética “não apresentava perigo imediato para quem estivesse fora do alcance das forças de ocupação do Exército Vermelho.”. A URSS estava tão destruída quanto qualquer outro país europeu e precisava se recuperar ao mesmo tempo que lidava com problemas internos com sua população e guerrilhas na Ucrânia. Para Hobsbawm (1995), a postura do país era defensiva e não agressiva. Apesar de uma postura não agressiva, a União Soviética ainda era motivo de receio em Washington. O autor afirma que após o fim da Segunda Guerra Mundial havia uma crença no Ocidente de que o capitalismo e a sociedade liberal não estavam seguros devido ao cenário de devastação que o mundo se encontrava com o término do conflito. A mera existência da União Soviética era motivo de alerta, uma vez que o país poderia proporcionar uma alternativa socialista que pudesse resolver as ruínas da Guerra. Segundo Hobsbawm (1995, p. 228)

[...] era porque no fim da guerra os países beligerantes, com exceção dos EUA, haviam se tornado um campo de ruínas habitado pelo que pareciam aos americanos povos famintos, desesperados e provavelmente propensos à radicalização, mais que dispostos a ouvir o apelo da revolução social e de políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa, livre comércio e investimento pelo qual os EUA e o mundo iriam ser salvos.

É pensando nesse suposto avanço soviético e do socialismo que os Estados Unidos sob o comando de Harry Truman lançam, em 1947, a Doutrina Truman, um conjunto de práticas econômicas que visava deter o avanço do comunismo em escala mundial. É com a Doutrina Truman que se dá o início da Guerra Fria, período de choque ideológico entre socialismo x capitalismo que implicou em corridas armamentista e espacial, propaganda, espionagem, embargos econômicos, entre outras formas de competição, sabotagem e demonstração de poder.

Para além de uma disputa bilateral entre União Soviética e Estados Unidos, a Guerra Fria também foi marcada por eventos que refletem na política até o presente, tal como a criação do Estado de Israel em 1949 que dá início a conflitos entre o país recém-criado e a Palestina; a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) inicialmente com o propósito de defesa mútua entre os países membros e, posteriormente, passa a conduzir intervenções militares em diversos países. E dentro da perspectiva de conflito ideológico entre socialismo e capitalismo, os países do Sul Global também aparecem como agentes dessa disputa: em 1949 o Partido Comunista chega ao poder na China através de uma revolução; o mesmo acontece em 1959 em Cuba, onde uma revolução destituiu um ditador apoiado pelo Estados Unidos e levou o líder comunista Fidel Castro ao poder. Uma das representações mais famosas dessa disputa ideológica é o Muro de Berlim que dividia a Alemanha em duas, sendo a Oriental, parte do bloco socialista.

Embora tenha sido um período que não gerou guerra em larga escala como a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, não se pode deixar de citar as guerras e ditaduras que foram levadas para os países do Sul Global, como a Guerra da Coreia e do Vietnã (em que ambos os países foram divididos em dois, o sul de ambos países foram ocupados pelos Estados Unidos ao passo que o norte da Coreia foi ocupado brevemente pela União Soviética e o Vietnã estabeleceu um governo socialista liderado por Ho Chi Minh) e as ditaduras latino-americanas, notoriamente apoiadas e financiadas pelos Estados Unidos. Losurdo (2015) observa que o lançamento do Plano Marshall — uma das medidas da Doutrina Truman que consistia em ajuda econômica para recuperação da Europa — acontece no mesmo período em que é fundada a CIA, agência de inteligência estadunidense e que foi uma das grandes agentes da instauração de ditaduras no Cone Sul através da Operação Condor, como revelam documentos. (CENTENERA, 2016, El País).

No Brasil, o período pós-Guerra e Estado Novo é marcado por disputas entre nacionalistas entreguistas segundo Vizentini (2003). O grupo nacionalista era inspirado na CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina da ONU) que visava um desenvolvimento industrial baseado em reformas sociais a partir de um distanciamento dos Estados Unidos, mantendo a autonomia do país. Já o grupo entreguista, era inspirado pela Escola de Superior de Guerra (ESG) e pelo liberalismo econômico. Esse grupo pretendia adotar a agenda de segurança proposta pelos

Estados Unidos no período da Guerra Fria. O novo governo encabeçado pelo general Eurico Gaspar Dutra se manteve ligado aos norte-americanos, uma vez que “julgava-se aliado privilegiado dos EUA” (VIZENTINI, 2003, p. 199) pela aliança entre os dois países durante a Segunda Guerra Mundial. Mais adiante, em 1947, o Brasil desfez as relações diplomáticas com a União Soviética e o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade novamente. A relação entre Brasil e Estados Unidos foi desvantajosa para o país latino-americano, obtendo somente concessões pequenas, o que foi abrindo o caminho para o segundo governo de Getúlio Vargas. (VIZENTINI, 2003). Em 1951 Vargas retorna ao poder onde ficou até seu suicídio em 1954. No segundo governo, Vargas procurou “implementar uma *barganha nacionalista*, apoiando os EUA no plano político-estratégico da Guerra Fria em troca da ajuda ao desenvolvimento econômico brasileiro” (VIZENTINI, 2003, p. 203). As relações diplomáticas com a União Soviética somente foram retomadas no governo de João Goulart, através da Política Externa Independente (PEI) iniciada pelo conservador Jânio Quadros. Além disso, Goulart se negou a romper relações diplomáticas com Cuba, mantendo um princípio de não-intervenção. Decisões como essas foram fatores preponderantes para o golpe militar que se deu em 1964. (VIZENTINI, 2003).

Carlos Fico, no artigo *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar* (2004), discute algumas correntes historiográficas sobre o processo que culminaria na ditadura civil militar e desmente alguns mitos relacionado aos período. Fico (2004) apresenta diversos autores e suas respectivas teses sobre o processo do Golpe Militar, no entanto, para esse estudo me atentarei à dois autores em especial: Jacob Gorender e René Armand Dreifuss que propõem uma análise marxista, portanto, histórico-materialista do Golpe. O autor aponta que Gorender leva em consideração para explicar as causas do golpe a conspiração de uma ameaça comunista e a estrutura e estágio do capitalismo brasileiro. O crescimento estava em queda e a economia do Brasil entrava em crise e para superá-la se deveria aderir aos parâmetros do Fundo Monetário Internacional (FMI). Contudo, “a receita recessiva requer governos fortes, capazes de negar concessões às massas trabalhadoras e forçá-las a engolir o purgante das medidas compressoras do nível de vida” (GORENDER, 1987, p. 42 *apud* FICO, 2004, p. 49), o que se contrapunha às reformas de base propostas por João Goulart e que não agradou os EUA. Ademais, a classe dominante se sentia ameaçada pela luta de classes

o período 1960-1964 marca o ponto mais alto das lutas dos trabalhadores brasileiros neste século [XX]. O auge da luta de classes, em que se pôs em xeque a estabilidade institucional da ordem burguesa sob os aspectos do direito de propriedade e da força coercitiva do Estado. Nos primeiros meses de 1964, esboçou-se uma situação pré-revolucionária e o golpe direitista se definiu, por isso mesmo, pelo caráter contra-revolucionário preventivo. A classe dominante e o imperialismo tinham sobradas razões para agir antes que o caldo entornasse. (GORENDER, 1987 p.66-7 *apud* FICO, 2004, p. 49)

Além de Gorender, Fico (2004) apresenta a análise de Dreifuss que, segundo o autor não é economicista. Para Dreifuss, não havia uma liderança política capacitada para controlar o capital multinacional e ressalta a importância das organizações Ipes e Ibad. Essas organizações teriam sido importantes para pressionar o golpe de Estado, já que não conseguiam seus objetivos a partir de reformas legais. No entanto, a presença e mobilização do Ipes e Ibad em diversas áreas não era suficiente para derrubar o governo, precisando recorrer ao apoio das Forças Armadas. Fico (2004, p. 51) afirma que Dreifuss defendia

a existência de um longo processo de luta política de um setor de classe, ou de um bloco de poder, pela implementação de seus interesses, conscientemente defendidos. [...] segundo o autor verificou-se todo um processo complexo e progressivo de preparação, no plano político, que durou anos e mobilizou vultosos recursos.

Fico (2004, p. 56) conclui então que

As transformações estruturais do capitalismo brasileiro, a fragilidade institucional do país, as incertezas que marcaram o governo de João Goulart, a propaganda política do Ipes, a índole golpista dos conspiradores, especialmente dos militares — todas são causas, macroestruturais ou micrológicas, que devem ser levadas em conta, não havendo nenhuma fragilidade teórica em considerarmos como razões do golpe tanto os condicionantes estruturais quanto os processos conjunturais ou os episódios imediatos.

Os anos iniciais da Ditadura Militar não foram brandos. Fico (2004, p.33) argumenta que Castelo Branco “foi complacente com as arbitrariedades da linha dura”, decretando o AI-2, proibiu estudantes de realizarem atos políticos, assinou a Lei de Segurança Nacional, fechou o Congresso e promulgou uma lei de censura à imprensa. Marcelo Ridenti (2014, p. 28) aponta que

Foram realizadas prisões, intervenções em sindicatos e movimentos populares, cassações, expulsão de funcionários civis e militares de seus cargos, abertura e inquéritos policial-militares e toda sorte de violência e humilhação contra os adeptos do governo deposto, e até alguns assassinatos.

Ridenti (2014) afirma ainda que havia grupos de resistência que visavam a luta armada e outros que recorriam a diferentes meios para vencer a ditadura, sendo

assim, dois tipos de oposição: a clandestina e a institucional. A primeira se tratava de organizações provenientes de dissidências de partidos de esquerda que foram postos na ilegalidade, as mais notáveis, seriam a Ação Libertadora Nacional (ALN) liderada por Carlos Marighella, os Comandos de Libertação Nacional (Colina) e a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR Palmares). A oposição institucional provinha da instituição do bipartidarismo, assim, diversos partidos foram extinguidos, permitindo a existência somente da Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), este último que serviu como oposição. A Igreja Católica também passou a ser oposição ao retirar seu apoio ao regime motivada pelas denúncias de violação dos direitos humanos. Logo os movimentos estudantil e operário passaram a configurar oposições.

Já nos anos finais do regime militar houve uma reforma partidária que deu fim aos partidos Arena e MDB, possibilitando o surgimento de novos partidos, porém mantendo os comunistas na ilegalidade. Desse modo, surgem partidos como o Partido Popular (PP), o Partido Democrático Trabalhista (PDT), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido dos Trabalhadores (PT). Um dos movimentos mais lembrados do período final do regime militar é o 'Movimento pelas Diretas Já' que reivindicava eleições diretas para a presidência. (RIDENTI, 2014). A Ditadura Militar tem seu fim em 1985, seis anos antes do fim da Guerra Fria.

A Guerra Fria se estendeu por seis décadas e, além dos conflitos armados, viveu outros momentos de tensões como a Crise dos Mísseis em 1962. Também proporcionou avanços tecnológicos provocados pela corrida espacial que criou satélites e levou o homem ao espaço. A dissolução da União Soviética se deu devido aos conflitos internos do que a um fracasso do sistema socialista em si, o período da Guerra Fria chegou ao fim com o colapso do país em 1991 e os Estados Unidos se manteve na hegemonia mundial. (LOSURDO, 2004).

2 “A POESIA FUGIU DOS LIVROS, AGORA ESTÁ NOS JORNAIS”

Nesta seção discutiremos Drummond para além da sua biografia e relação com Itabira. A poesia do escritor e sua relação com o social se torna o objeto de estudo aqui. Dada a discussão sobre a situação de capitalismo dependente que o Brasil, e consequentemente Itabira, estão inseridos, além da apresentação do contexto sócio-político em que o Brasil e o mundo se encontravam no recorte de tempo abordado por este estudo, iremos elaborar, a partir das formulações de Gyorgy Lukács sobre estética, a relação intrínseca da poesia Drummondiana com o contexto histórico vivido. Como a vivência de eventos históricos, o cotidiano social e o ‘tomar partido’ diante destes são determinantes da arte.

Para entender as fases da poesia de Drummond, que publica sua primeira obra em 1930, período que marca a segunda geração do modernismo, Affonso Romano de Sant’Anna (1992) divide a trajetória do poeta em três momentos: Eu maior que o Mundo; Eu menor que o Mundo; Eu igual ao Mundo. Desse modo, Sant’Anna (1992) define a poesia de Drummond como essa relação dialética entre o Eu e o Mundo e o tempo é o principal aspecto para se entender essas três fases da poesia drummondiana. A primeira fase, Eu maior que o Mundo, demonstra uma poesia irônica e egóica em que o eu-lírico contempla as cenas a distância e não se há uma consciência do tempo devido à esse ego que se sente superior ao mundo: “porque aí o ego, maior que o mundo, não se permite relacionar nem criar raízes, pois se bastava a si mesmo”. Desse modo, a ausência dessa consciência temporal “era, enfim, a projeção de um olhar a quem falta o conhecimento da espessura da realidade.” (SANT’ANNA, 1992, p. 83). Sant’Anna (1992) argumenta que nessa primeira fase, essa contemplação a distância do eu-lírico é um interesse superficial. O mundo é lido, mas não interpretado. Com isso, infere-se que a primeira fase da poesia Drummondiana remonta ao aspecto do particular.

Em contrapartida, a segunda fase, Eu igual ao Mundo, considerada como o momento da poesia social e a fase da qual esse estudo se baseia, caracteriza-se pela “descoberta e conquista do tempo” e o Eu “começa a se mover e explorar o espaço e o tempo ao seu redor” (SANT’ANNA, 1992, p. 82), indicando essa tomada de consciência sobre o tempo, ou seja, a percepção da vida social. O olhar desinteressado e superficial se modifica e

pode-se dizer que, a partir dos referentes visuais, descreve-se a linha mestra da evolução desse personagem diante da realidade. A visão, inicialmente desinteressada, transforma-se numa penetração mais aguda dos fatos, levando-o a uma conscientização mais dolorosa da realidade e ao conhecimento da “náusea”. (SANT’ANNA, 1992, p. 48)

Nessa passagem da primeira fase para a segunda, Drummond transita do particular para o universal, o que pode ser exemplificado pelo poema *América* onde uma “via liga Itabira à América” (SANT’ANNA, 1992, p. 80): “Uma rua começa em Itabira, que vai dar em qualquer ponto da terra”. A contemplação à distância e “o clima estático dos primeiros livros modifica-se e, com o aparecimento do movimento, vem o caminhar e o fluir e a consciência da vida como uma “viagem”. (SANT’ANNA, 1992, p.80).

Por fim, a terceira e última fase, *Eu igual ao Mundo*, é o momento da poesia metafísica, onde Drummond sistematiza suas memórias e relembra o passado: “Experimentou a morte alheia e sua morte parcial e aprendeu a recriar sua vida no plano poético da memória” (SANT’ANNA, 1992, p. 17). Sant’Anna (1992, p. 144) afirma que se inicia um desmonte e o poeta vai “descobrimdo a intemporalidade da memória, aí vai desenvolver a temática do *nihil*, do ser e do parecer, e iniciar o confronto definitivo com a morte [...]”. O tempo agora é o que destrói o corpo, isto é, “Tendo absorvida a História e transitado prenehe de temporalidade, o preço que paga por se incorporar ao fluxo vital é o de sua própria destruição.” (SANT’ANNA, 1992, p. 145).

Portanto, podemos iniciar a discussão sobre a relação da poesia de Drummond com o contexto histórico a partir do entendimento de Sant’Anna (1992, p. 86-87)

Este tempo presente corresponde também a um definido espaço social e histórico. A percepção daquilo que é a essência de sua época lhe vem da análise do espaço que lhe é dado frequentar. Desse ponto de vista, encontrar-se no presente é encontrar-se na intersecção de um certo tempo e de um certo espaço [...]. Ao surpreender-se na conjunção do *templum*, o poeta começa por olhar interessadamente o que se passa ao seu redor, para entender, ao final, o que se passa consigo mesmo. Este é o desenvolvimento da própria consciência do indivíduo. [...] O presente social e histórico representado na ascensão do nazismo e do fascismo, no irromper da Guerra Civil Espanhola e na conflagração da Segunda Guerra Mundial, tanto quanto o acirramento das questões ideológicas entre capitalismo e comunismo, coincidem, e não por acaso, em sua poesia, com o desvelar de seu drama existencial.

A partir da contextualização e localização de Drummond e sua poesia em um espaço e tempo, e da compreensão da teoria lukacsiana acerca da estética e do tomar

partido, poderemos perceber essa tomada de consciência temporal explicitada por Sant'Anna (1992).

2.1 A POTENCIALIDADE DA ARTE NO SER SOCIAL

Com o objetivo de perceber a historicidade da poesia de Drummond, é preciso partir de uma análise histórico materialista sobre a arte. Lukács, com a obra *A peculiaridade do Estético* (1966) propõe uma teoria marxista da estética baseada nos escritos de Marx e na filosofia. O autor traz uma reflexão sobre o que é a estética, o que é efetivamente a arte, o que se pode chamar de arte e qual a relação da estética com o comportamento humano. Além disso, Lukács (1966) discute a relação entre homem, natureza e arte, e de que modo esta última serve como ferramenta de auto elevação da consciência humana e pode auxiliar na emancipação de gênero humano. Portanto, Lukács parte dos - e estuda os reflexos da vida cotidiana do homem na arte, bem como na ciência.

Lukács (1966) afirma que, até aquele momento em que escreveu o primeiro tomo da *Estética*, a teoria do conhecimento não se preocupou com o pensamento cotidiano. Nesse sentido, o autor pretende compreender quais os reflexos da vida cotidiana na ciência e na arte, e argumenta que o reflexo da ciência e da arte se diferenciam pelas formas mistas de cotidianidade ao passo em que ambas nascem das necessidades desse cotidiano. Com base nas formulações lukacsianas, Silva (no prelo, p. 16) faz um apontamento acerca da vida cotidiana evidenciando que é onde

o homem estabelece com o mundo externo, de modo que ganha relevo e proeminência a categoria ou estrutura categorial da vida cotidiana. É no chão da vida cotidiana que os homens lidam primariamente com o mundo externo, com as categorias da realidade, forjando nessa relação suas formas específicas subjetivo-práticas e sociais de produzir e reproduzir um mundo próprio.

Ademais, Lukács (1966) inclui a religião como uma das três formas, somado à ciência e a arte, de reflexo da realidade. O autor argumenta que no idealismo subjetivo existe uma concepção que esses três reflexos surgem de realidades autônomas que não possuem contato entre si. Lukács (1966, p. 36) se contrapõe a essa concepção, uma vez que essas categorias não são inatas e se desenvolvem até obter autonomia, resgatando o materialismo dialético que considera “la unidad material del mundo como un hecho indiscutible. Todo reflejo lo es, por tanto, de esa realidad única y imitarla.”. Desse modo, em uma crítica direta ao idealismo, Lukács

(1966) aponta que somente o materialismo histórico-dialético é capaz de lidar com os problemas relacionados à estética. Assim, as categorias da estética são frutos de um processo histórico.

[...] los reflejos científico y estético de la realidad objetiva son formas de reflejo que se han constituido y diferenciado, cada vez más finamente, en el curso de la evolución histórica, y que tienen en la vida real su fundamento y su consumación última. (LUKÁCS, 1966, p. 34).

Levando em consideração a necessidade e a importância de romper com o idealismo e de resgate do materialismo dialético como percurso filosófico-científico capaz de compreender a problemática da estética, Lukács (1966, p. 21) aponta que a arte é um “peculiar modo de manifestarse el reflejo de la realidad, modo que no es más que un género de las universales relaciones del hombre con la realidad, em las que aquél refleja a ésta”. Portanto, a arte é também um produto de processos históricos, do meio social, ou seja, a arte possui historicidade. A partir do rompimento com o idealismo, compreende-se que não existe nada inato no Homem, não há uma ‘essência’ do ser humano, o que existe é uma autoconstrução a partir de processos históricos. A arte não é algo apriorística, ela não existe desde sempre, uma vez que não é inata ao Homem. Ela se desenvolve no decorrer da história humana, ainda que o artista não tenha consciência da relação intrínseca da arte com o momento histórico em que ela foi produzida.

Ya tengan los artistas consciencia de ello, ya produzcan creyendo que producen algo supratemporal, o que continúan simplemente un estilo anterior, o que realizan un ideal «eterno» tomado del pasado, el hecho es que, en la medida en que sus obras son artísticamente auténticas, nacen de las más profundas aspiraciones de la época en que se originan; el contenido y la forma de las creaciones artísticas verdaderas no pueden separarse nunca — estéticamente— de ese suelo de su génesis. (LUKÁCS, 1966, p. 25).

Partindo dessa concepção, a arte eleva a autoconsciência do Homem, tornando-se um âmbito que contribui na emancipação do ser humano. Com base em Lukács, Ramos (2017) aponta que a arte possui o poder de identificar o indivíduo com o gênero humano. Desse modo, a arte adquire um caráter desfetichizador da própria humanidade.

Enquanto o mundo da mercantilização tende a transformar todas as coisas em mercadorias – a terra, a natureza, o lazer, a cultura, o tempo do homem e às vezes o próprio homem – a arte, especificamente a arte realista, resiste a essa tendência. (RAMOS, 2017, p. 67)

Nessa perspectiva, Silva (no prelo, p. 22) argumenta que a desfetichização se torna uma “missão social da arte” e possui duplo movimento, o de “ultrapassar a

aparência cósmica dos fenômenos da realidade, restituindo [...] as determinações dos processos da realidade” e também o movimento de “restituir e fomentar o papel protagonista dos homens na história”. Na mesma lógica, Ramos (2017, p. 68) aponta que “Apenas a arte permite a criação de um mundo, um *em si*, associado a um sujeito que o produziu, um *para si*, o que permite, segundo Lukács, fazer idênticos sujeito e objeto”. Dessa forma, segundo Silva (no prelo), a arte possui potencial para ser utilizada como instrumento das lutas travadas numa sociedade marcada por diferenças de ideais e ideologias, onde há luta de classes e se evidenciam as contradições do sistema burguês.

Levando em consideração a relação da arte com a vida cotidiana e o papel histórico do Homem que, por sua vez, está inserido em uma sociedade de classes e contradições, compreende-se que a arte precisa refletir essas questões sociais, no entanto, afirma Lukács (1978, p. 286)

Uma arte que pretendesse ultrapassar objetivamente as suas bases nacionais, a estrutura classista de sua sociedade, a fase da luta de classe que é nela presente, bem como, subjetivamente, a tomada de posição do autor em face de tôdas (sic) estas questões, destruir-se-ia como arte.

Com isso, adentramos a questão do partidarismo na arte. Lukács (1978) aponta que os teóricos burgueses somente consideram verdadeira a obra de arte que é apartidária e não está associada às lutas cotidianas, assim, o artista que assume uma posição, ou seja, toma partido, é desprezado por tais teóricos. Lukács (1978) também aponta a concepção de partidarismo de alguns marxistas que consideram essa questão como algo proveniente do privilégio de um realismo socialista. Em contrapartida à essas duas concepções, Lukács (1978, p. 211) conceitua o partidarismo:

Se quisermos agora compreender conceitualmente o caráter do partidarismo no reflexo estético da realidade, deveremos observar que se trata, por um lado, da reprodução o mais possível fiel da própria realidade objetiva, mas que, por outro lado, a finalidade que aqui se visa não é compreender conceitualmente as leis universais, e sim representar mediante imagens sensíveis um particular que compreende em si e supera em si tanto sua universalidade quanto sua singularidade, cujas características formais não pretendem uma aplicação universal no sentido da ciência, mas tendem a fixar universalmente uma experiência que assumiu a forma dêste (sic) determinado conteúdo.

A partir disso, “em face das lutas históricas do presente no qual vive o artista” compreende-se que é inevitável que o artista tome uma posição em sua arte, além disso “Sem esta tomada de posição, não lhe seria possível escolher como objeto do

trabalho artístico, como particular característico, precisamente este (sic) e nenhum outro momento da vida.” (LUKÁCS, 1978, p. 212). Quanto ao artista que se recusa a tomar uma posição, expressando somente sua personalidade, Lukács (1978, p. 213) resgata Flaubert “se a obra dêles (sic) é verdadeiramente artística, êles (sic) são vítimas de uma ilusão.”.

Porém, para Lukács (1978), o partidarismo deve ir além de somente uma tomada de posição. O autor afirma que “O real partidarismo de uma obra de arte autêntica não é o expresso pela frase de Herwegh: “Escolha uma bandeira e ficarei satisfeito. Mesmo se fôr (sic) outra, será a minha” (LUKÁCS, 1978, p. 215), ou seja, o partidarismo precisa ter conteúdo diante da realidade concreta e das questões cotidianas presentes nela, da qual pretende lidar.

Por fim,

A arte não pode representar nenhum fato ou relação fora de seu partidarismo: o partidarismo artístico deve se manifestar na representação de cada detalhe; de outro modo, êle (sic) não existe como fato artístico. [...] a obra de arte é autêntica de cabo a rabo, em todos os seus poros, que os princípios de sua construção implicam tomadas de posição em face dos grandes problemas da vida, que o partidarismo não pode ser separado de sua objetividade estética. (LUKÁCS, 1978, p. 218).

2.2 A VIDA COTIDIANA E A TOMADA DE POSIÇÃO NA POESIA DE DRUMMOND

Em diversos momentos da vida e carreira artística de Drummond pode-se observar como seu meio social e os eventos históricos ocorridos no mundo tiveram importância e figuraram em sua poesia. Drummond chegou a integrar brevemente as fileiras do Partido Comunista Brasileiro (PCB), embora já tivesse afirmado anteriormente que não era um militante político em seu relato de entrevista com Luís Carlos Prestes em 1945

Ontem, entrevista com Luís Carlos Prestes, no presídio. Tomamos um táxi, eu, Célia Neves e Oswaldo Alves, três intelectuais sem militância política, mas desejosos de viver politicamente os novos tempos que se anunciam, e vivê-los com seriedade (DRUMMOND, 1985, p.32).

Em sua breve passagem pelo PCB⁴, Drummond contribuiu para o jornal *Tribuna Popular* que foi fundado em 1945 e funcionou até o final de 1947 quando o partido foi colocado novamente na ilegalidade (BRASIL, 2015). Além disso,

⁴ Drummond entrou para as fileiras do Partido Comunista Brasileiro em 1945 e em maio virou diretor do *Tribuna Popular*, desligando-se da função pouco tempo após em junho do mesmo ano, mas mantendo-se como colaborador do jornal. O poeta afastou-se do jornal e do Partido definitivamente em novembro após o golpe que depôs Getúlio Vargas.

Drummond também foi lançado como deputado em 1945 embora esse fato não seja mais fortemente difundido em sua biografia e trajetória de vida, passando quase que despercebido. Bortoloti (2013) afirma que alguns documentos como artigos em jornal, relatório da polícia e um panfleto comprovam a intenção inicial de se lançar Drummond como deputado, contudo, no final do ano seu nome havia sido retirado da lista de candidatos, não prosseguindo com a candidatura. Ainda que afirmasse não ser um militante e ter tido uma rápida passagem pelo PCB, a política de certa forma sempre esteve presente na vida de Drummond, especialmente quando o “tomar partido” se fez presente em sua obra.

Nascido em uma cidade arrasada pela mineração Drummond demonstrou preocupação com as questões sociais que o envolvia, não hesitou em denunciar a presença predatória da CVRD em Itabira e relatando em seus poemas como a mineração afetou sua cidade natal. Como vimos na primeira seção desse estudo, diante das situações agravadas oriundas da condição de capitalismo dependente em que nações ficam submetidas/subordinadas aos países de capitalismo central, o minério de ferro que é extraído em Itabira vai para outros países e neste chão permanece a superexploração da força de trabalho e destruição ambiental. Algo que Drummond relata no poema *O maior trem do mundo*:

O maior trem do mundo

Leva minha terra

Para a Alemanha

Leva minha terra

Para o Canadá

Leva minha terra

Para o Japão

O maior trem do mundo

Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel

Engatadas geminadas desembestadas

Leva meu tempo, minha infância, minha vida

Triturada em 163 vagões de minério e destruição

O maior trem do mundo

Transporta a coisa mínima do mundo

Meu coração itabirano

*Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais.*

Ao mesmo tempo em que demonstra poeticamente essa relação de subordinação por meio da extração do minério que é levado para outros países, Drummond também fala da relação íntima/pessoal/subjetiva que beira a angústia e a melancolia de ver sua cidade natal sendo destruída e saber que ela não pode voltar a ser como antes, conforme podemos lembrar em sua fala ao Jornal Hoje (1981): “Então eu vou lá para quê? Para ver um passado meu que não existe? Para sofrer, para me angustiar?”.

Atentando-se à segunda fase da poesia de Drummond (Eu igual ao Mundo) que traz o tom mais político de suas obras, embora a primeira fase já demonstrasse uma consciência da realidade ao abordar principalmente o cotidiano de sua vida em Itabira ainda era uma consciência relativa ao particular e uma observação da realidade dada de forma distante, sem interesse em se aprofundar, como argumentado por Sant’Anna (1992), já *Sentimento do Mundo* é talvez, na compreensão desta autora, o poema que melhor representa o reflexo do cotidiano e autoconsciência discutido por Lukács.

*Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.*

*Quando me levantar, o céu
estará morto e saqueado,
eu mesmo estarei morto,
morto meu desejo, morto
o pântano sem acordes.*

*Os camaradas não disseram
que havia uma guerra
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.*

*Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desafiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
e não foram encontrados
ao amanhecer

esse amanhecer
mais noite que a noite.*

Em *Sentimento do Mundo* Drummond adquire a consciência temporal. Sant'Anna (1992) afirma que é partir da obra que leva o mesmo nome do poema que “inicia-se a descoberta e conquista do tempo. O *gauche* que vivia a espiar de um canto sombrio e torto começa a se mover e explorar o espaço e o tempo ao seu redor”. O próprio poeta reconhece no poema *Mundo Grande* a soberba anterior dos poemas que marcam a primeira fase de sua trajetória que não o permitia enxergar além de si próprio ao dizer “Só agora descubro/ como é triste ignorar certas coisas./ (Na solidão de indivíduo/ desaprendi a linguagem/ com que homens se comunicam.)”. E fazendo jus à caracterização dada por Sant'Anna (1992) à sua segunda fase, ainda em *Mundo Grande*, Drummond diz “Não, meu coração não é maior que o mundo./ É muito menor.” e também demonstra sua abertura para o mundo exterior “Sim, meu coração é muito pequeno./ Só agora vejo que nele não cabem os homens./ Os homens estão cá fora, estão na rua./ A rua é enorme. Maior, muito maior do que eu esperava./ Mas

também a rua não cabe todos os homens./ A rua é menor que o mundo./ O mundo é grande”. É nesse momento que o eu-lírico percebe que a realidade é muito além daquela vivida em uma fazenda de uma cidade pequena do interior. O mundo é vasto e as questões sociais, econômico, políticas e culturais se fazem presente. Drummond compreende os problemas e contradições que na realidade surgem e se entende como alguém pequeno demais para lidar com o peso em seus ombros ao dizer “Tenho apenas duas mãos/ e o sentimento do mundo”.

Como discutido anteriormente, Sant’Anna (1992) afirma que nesse momento o eu-lírico desenvolve uma consciência dentro de um espaço social e histórico definidos. O lançamento da obra *Sentimento do Mundo* ocorre em 1940, um ano após a deflagração da Segunda Guerra Mundial, em meio ao contexto de ascensão do fascismo e nazismo. Considerando a tomada de consciência temporal do eu-lírico nos poemas de Drummond, é inevitável que esses temas figurem na obra do poeta.

O presente social e histórico representado na ascensão do nazismo e do fascismo, no irromper da Guerra Civil Espanhola e na conflagração da Segunda Guerra Mundial, tanto quanto o acirramento das questões ideológicas entre capitalismo e comunismo, coincidem, e não por acaso, em sua poesia, com o desvelar de seu drama existencial. (SANT’ANNA, 1992, p. 87).

O contexto nazi-fascista presenciado, mesmo que à distância, pelo poeta fica evidente no poema *Congresso Internacional do Medo*, onde o eu-lírico, se posiciona dentro de um coletivo ao utilizar o verbo “cantaremos”, e demonstra o medo que pairava na sociedade.

*Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio, porque este não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
Depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*

Através desse poema, Drummond transmite a sensação de paralisia e agonia de uma sociedade que assiste os horrores de uma guerra. Não há outro sentimento que não o medo e o medo não somente da guerra ou de quem provocou a guerra, esse sentimento está presente em todas as instâncias da vida e é impossível se desviar de tal. O poema é a representação da melancolia presente na sociedade naquele momento.

Ainda no contexto da Segunda Guerra Mundial, Drummond escreve 55 poemas de 1943 a 1945, este sendo o ano de lançamento de *A Rosa do Povo*, obra que mantém o tom político iniciado em *Sentimento do Mundo* e, de acordo com Sant'Anna (1992, p. 20) *A Rosa do Povo* é a obra crucial da carreira de Drummond e “É o ponto em que o personagem está na parte mais aguda de sua luta aberta com a realidade”. Sant'Anna (2009, p. 10) afirma que apesar da breve participação do poeta no Partido Comunista Brasileiro, a “contaminação ideológica” permanece nos poemas do itabirano “onde fala que a “burguesia apodrece”, refere-se ao “mundo capitalista” e, além de louvar a resistência de Stalingrado, tem expectativas sobre a vitória russa em Berlim”. Dessa forma, fica ainda mais evidente a influência do meio social na arte, aqui especificamente a de Drummond. O contexto de uma Itabira minerada, a guerra, as ditaduras, a aproximação ideológica com o comunismo, todos são temas que figuraram a vida e, por consequência, a arte de Drummond. Em *Carta a Stalingrado* o poeta versa sobre a resistência sustentada pelo Exército Vermelho na cidade de Stalingrado, palco da batalha mais sangrenta da Guerra, além de ser o momento decisivo dos rumos do conflito.

Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!
O mundo não acabou, pois que entre as ruínas
outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,
e o hálito selvagem da liberdade
dilata os seus peitos, Stalingrado,
seus peitos que estalam e caem,
enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.
Os telegramas de Moscou repetem Homero.
Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo novo

*que nós, na escuridão, ignorávamos.
Fomos encontrá-lo em ti, cidade destruída,
na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas,
no teu arquejo de vida mais forte que o estouro das bombas,
na tua fria vontade de resistir.*

Saber que resistes.

*Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos, resistes.
Que quando abrimos o jornal pela manhã teu nome (em ouro oculto) estará
firme no alto da página.*

Terá custado milhares de homens, tanques e aviões, mas valeu a pena.

*Saber que vigias, Stalingrado,
sobre nossas cabeças, nossas prevenções e nossos confusos pensamentos
distantes
dá um enorme alento à alma desesperada
e ao coração que duvida.*

Stalingrado, miserável monte de escombros, entretanto resplandecente!

As belas cidades do mundo contemplan-te em pasmo e silêncio.

*Débeis em face do teu pavoroso poder,
mesquinhas no seu esplendor de mármore salvos e rios não profanados,
as pobres e prudentes cidades, outrora gloriosas, entregues sem luta,
aprendem contigo o gesto de fogo.*

Também elas podem esperar.

Stalingrado, quantas esperanças!

Que flores, que cristais e músicas o teu nome nos derrama!

Que felicidade brota de tuas casas!

De umas apenas resta a escada cheia de corpos;

de outras o cano de gás, a torneira, uma bacia de criança.

*Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem trabalho nas
fábricas,*

*todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem pedaços negros de
parede,
mas a vida em ti é prodigiosa e pulula como insetos ao sol,
ó minha louca Stalingrado!*

*A tamanha distância procuro, indago, cheiro destroços sangrentos,
apalpo as formas desmanteladas de teu corpo,
caminho solitariamente em tuas ruas onde há mãos soltas e relógios
partidos,
sinto-te como uma criatura humana, e que és tu, Stalingrado, senão isto?
Uma criatura que não quer morrer e combate,
contra o céu, a água, o metal, a criatura combate,
contra milhões de braços e engenhos mecânicos a criatura combate,
contra o frio, a fome, a noite, contra a morte a criatura combate,
e vence.*

*As cidades podem vencer, Stalingrado!
Penso na vitória das cidades, que por enquanto é apenas uma fumaça
subindo do Volga.
Penso no colar de cidades, que se amarão e se defenderão contra tudo.
Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres,
a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem.*

Carta a Stalingrado é o momento de alívio após o medo paralisante de *Congresso Internacional do Medo*. Stalingrado é o respiro que o mundo dá em face ao início da derrota nazista. Para Drummond, a cidade é o ponto de esperança, saindo de um período onde “Não há mais livros para ler nem teatros funcionando nem trabalho nas fábricas,/ todos morreram, estropiaram-se, os últimos defendem pedaços negros de parede,” e significando algo em que se inspirar, espalhando o ímpeto de resistência para todas as cidades: “As cidades podem vencer, Stalingrado!”. Essa esperança se mantém em *Telegrama de Moscou*, onde se há uma reconstrução do mundo a partir das ruínas causadas pela guerra e onde Stalingrado figura mais uma

vez como um exemplo a ser seguido: “Aqui se chamava/ e se chamará sempre Stalingrado./ — Stalingrado: o tempo responde”.

A partir daqui, resgataremos a gênese do poeta Carlos Drummond de Andrade: Itabira. Em um movimento de aproximação da cidade natal do poeta com a “minha louca Stalingrado!”, Sant’Anna (1992, p. 100-101) afirma que Stalingrado “transcende do mapa, transcende do momento histórico da guerra [...]” e significa “a vitória do futuro sobre o presente, o prolongamento do passado no futuro [...]”, ao passo que

Itabira é ele mesmo, o passado de Itabira é o seu passado, o futuro de Itabira, por conseguinte, é a projeção de si mesmo no futuro. Itabira é, principalmente, a polis do poeta. Ela é a soma da cidade e da região, uma verdadeira cidade-estado no topo do tempo.

Nesse sentido, para Sant’Anna (1992, p. 102), Itabira é também uma das cidades, para Drummond, que deseja ser salva da ruína projetada na imagem de Stalingrado

A cidade como síntese da batalha do corpo contra o tempo e a urgência que o corpo tem em vencer essa luta [...] de resto, está no poema à cidade russa, onde os dois versos finais se opõem como Itabira/corpo se opõe ao tempo, enquanto resta a esperança de que a Itabira futurada, a Itabira perdida e idealisticamente restaurada, se erga luminosa dos seus contrários: “Em teu chão calcinado onde apodrecem cadáveres/ a grande Cidade de amanhã erguerá a sua Ordem.”

A partir das discussões históricas, tanto em escala mundial quanto ao que se refere à vida e relação de Drummond com Itabira, e dos poemas aqui expostos e assumindo-se as formulações estéticas lukacsianas, compreende-se que a vida cotidiana e o tomar partido são indissociáveis da produção estética. Drummond demonstra isso em seus primeiros poemas, embora sem a consciência do tempo e do mundo exterior, sua arte resgata sua vida e infância em uma cidade decadente economicamente e que viu sua situação mudar com a chegada da mineração e acentuação das contradições próprias do capitalismo dependente. O tom crítico e político das obras *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo* demonstram o posicionamento diante de questões sociais, econômicas e políticas confirmando a impossibilidade do apartidarismo na arte.

Portanto, o Homem e a arte possuem um papel histórico e responsabilidade em uma sociabilidade marcada pelas contradições, opressões, exploração e pela luta de classes sociais antagônicas. Drummond, que desde o início denunciou a extração de minério ainda é atual mesmo décadas após a criação da Vale S.A. Em uma

sociedade como a brasileira, que vivenciou em sua história recente dois grandes crimes socioambientais com barragens de rejeitos da mineração, e Itabira que convive com o medo diário de ser o próximo território devastado⁵, as denúncias poéticas e sensíveis de Drummond se fazem importantes para perceber como essas contradições são estruturantes do modo de produção capitalista e como elas não desaparecerão enquanto este sistema econômico produtivo persistir.

Além disso, sua exaltação de Stalingrado como um símbolo de resistência e o empenho em transformá-la em um exemplo a ser seguido, pode (e deve) servir de instrumento de resgate da memória em nossa atualidade que, cada vez mais, com o esforço da propaganda anticomunista, se esquece do papel fundamental e determinante da União Soviética na derrota nazista. A arte de Drummond está inserida na realidade concreta, possuindo historicidade ao mesmo passo em que o poeta deixa claro seu posicionamento em face das urgências e necessidades da vida cotidiana.

O efeito gerado no leitor pela obra de arte, a catarse, provoca no homem uma nova percepção do mundo, algo que pode ser perturbador ao ponto de criar os questionamentos necessários à investigação do homem sobre si mesmo enquanto pertencente a uma totalidade (RAMOS, 2017, p. 68).

Por conseguinte, percebe-se a potencialidade que a arte possui não somente no artista que a produz, mas no sujeito que a consome e, assim, a arte pode servir como catalisador de processos de tomada de consciência, movimentação social e transformações societárias.

⁵ Para melhor compreender a apreensão vivida diariamente pelos itabiranos sugerimos assistir o documentário Vale de Rejeitos dirigido por Richardson Pontone. Disponível em: <<https://bombozila.com/vale-de-rejeitos/>>.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender a relação intrínseca da realidade com a produção artística a partir do estudo de contextos históricos, econômico e sócio-político, perpassando pela história de Itabira e a vivência de Carlos Drummond de Andrade nesta cidade, contextualizando o cenário global e destacando formulações marxistas sobre capitalismo dependente e a estética Lukácsiana.

Pode-se concluir que a poesia de Drummond é influenciada pela sua experiência da vida cotidiana. Itabira, que é tema recorrente na poesia drummondiana, se sustenta na exploração do minério e a vida de sua população é afetada diariamente por essa atividade produtiva neste determinado, modo de produção capitalista.

A condição imposta à população itabirana por meio das contradições do capitalismo dependente propicia um ambiente transparente para a tomada de consciência, uma vez que cada indivíduo vivência continuamente as contradições, a exploração e as opressões desencadeadas por este sistema. Somado a isso, a ascensão do fascismo e do nazismo no Brasil e no mundo causa, conseqüentemente, o medo.

Compreende-se que não há possibilidade de se manter impassível diante eventos históricos que ocorrem a todo momento, independentemente de quais sentimentos que tais eventos possam causar. Podendo ser favorável ou desfavorável, ainda assim há uma reação diante daquilo que é colocado para o Homem. A realidade é provocadora do ser humano e recebe o papel de instrumentalização do entendimento e do posicionamento. Desse modo, entende-se que a arte possui papel fundamental para o Homem, pois, segundo Lukács (1978, p. 290)

[...] nas grandes obras de arte, os homens revivem o presente e o passado da humanidade, as perspectivas de seu desenvolvimento futuro, mas os revivem não como fatos exteriores, cujo conhecimento pode ser mais ou menos importante, e sim como algo essencial para a própria vida, como momento importante também para a própria existência individual.

Assim, conclui-se que a poesia de Drummond é reflexo da sua vida cotidiana, de suas experiências, opiniões. Sua arte é carregada de posicionamento e é, também, instrumento que provoca o posicionamento daquele que a lê.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. 42ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. O observador no escritório: páginas de diário. Rio de Janeiro: Record, 1985.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Sentimento do mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BARIFOUSE, Rafael. Mineração: cidade onde Vale nasceu vive cercada por 33 vezes o volume de rejeitos de barragem que se rompeu em Brumadinho. BBC News Brasil, São Paulo, 16 fevereiro 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47220855>> Acesso em: 1 agosto 2022
- BEEVOR, Antony. A Segunda Guerra Mundial. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- BERTOLLO, Kathiúça. Mineração e Superexploração da força de trabalho: análise a partir da realidade de Mariana-MG. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2017.
- BORTOLOTTI, Marcelo. Drummond e o Partido Comunista. Blog IMS, 2013. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/drummond-e-o-partido-comunista-por-marcelo-bortolotti/>> Acesso em: 29 agosto 2022.
- BRASIL, Bruno. Tribuna Popular. Marxists.org, 2015. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/jornais/tribuna-popular/apresenta.htm>> Acesso em: 29 agosto 2022.
- CAETANO, Carolina. Acidente grave envolvendo micro-ônibus da Vale e carreta deixa mortos e feridos na MGC-120, em Itabira. G1, Belo Horizonte, 26 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/05/26/acidente-grave-envolvendo-micro-onibus-e-carreta-deixa-mortos-e-feridos-na-mgc-120-em-itabira.ghtml>> Acesso em: 1 agosto 2022
- CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil republicano; v.2).
- CENTENERA, Mar. Novos documentos revelam que EUA conheciam plano de golpe na Argentina em 1976. Buenos Aires. 14 de dez. 2016. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/13/internacional/1481657626_461766.html> Acesso em: 14 de nov. 2021.
- Companhia Vale do Rio Doce (Brasil). Companhia Vale do Rio Doce: 50 anos de História. Rio de Janeiro: CVRD, 1992.

CRUZ, Carlos. Vale 80 anos: Hora de acertar a dívida histórica e ambiental com Itabira. Vila de Utopia, 2022. Disponível em: <<https://viladeutopia.com.br/vale-80-anos-hora-de-acertar-a-divida-historica-e-ambiental-com-itabira/>>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FERREIRA, Jurandy Pires (org.). Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1959.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. Revista Brasileira de História [online]. 2004, v. 24, n. 47 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003>>. Acesso em: 03 jun. 2022.

HOBBSAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Jornal Hoje: Entrevista com Carlos Drummond de Andrade (1981). Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/jornal-hoje-entrevista-com-carlos-drummond-de-andrade-1981/4024190/>>. Acesso em: 14 mai. 2022.

JUDT, Tony. Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KERSHAW, Ian. Hitler. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KONCHINSKI, Vinicius. Privatização da Vale, 25 anos: lucros e crimes cometidos evidenciam mau negócio para o país. Brasil de Fato, Curitiba, 06 maio 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/05/06/privatizacao-da-vale-25-anos-lucros-e-crimes-cometidos-evidenciam-mau-negocio-para-o-pais>>

LENIN, Vladimir Ilitch. Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LOSURDO, Domenico. Fuga da História? A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

LOSURDO, Domenico. Marx e o balanço histórico do século 20. 1ª ed. São Paulo: Fundação Maurício Grabois: Anita Garibaldi, 2015.

LUKÁCS, G. Estética I: la peculiaridad de lo estetico. Barcelona; México: Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, G. Introdução a uma Estética Marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil republicano; v.2).

MANOEL, Jones. Contra o revisionismo histórico: o pacto de não agressão germano-soviético e a Segunda Guerra Mundial. Blog da Boitempo, 2019. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2019/10/25/contra-o-revisionismo-historico-o-pacto>>

de-nao-agressao-germano-sovietico-e-a-segunda-guerra-mundial/>. Acesso em: 15 mai. 2022.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João P. (Org.). Ruy Mauro Marini: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2011.p. 131-172.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LENIN, Vladimir Ilitch. Manifesto Comunista; Teses de Abril. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. De ferro e flexíveis: marcas do estado empresário e da privatização na subjetividade operária. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

OLIVEIRA, Diogo Jorge da Siva; PINTO, Helder de Moraes; BARBOSA, Renata Pires. Paisagem e Educação Ambiental no Brasil. Field Actions Science Reports, Special Issue 3, 2011. Disponível em:
<<http://journals.openedition.org/factsreports/1536>>

OLIVEIRA, Sheila. Trabalhador da Vale morre de covid-19 e movimento pede suspensão das atividades. Brasil de Fato, São Paulo, 11 abril 2020. Disponível em:<<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/11/trabalhador-da-vale-morre-de-covid-19-e-movimento-pede-suspensao-das-atividades>> Acesso em: 1 agosto 2022.

PANDOLFI, Dulce. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil republicano; v.2).

PEREIRA, Durval Lourenço. Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Contexto, 2015.

PIMENTEL, Thais. Operário da Vale morre em acidente na Mina de Fábrica Nova, em Mariana. G1, Belo Horizonte, 1 junho 2022. Disponível em:<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/06/01/operario-da-vale-morre-em-acidente-na-mina-de-fabrica-nova-em-mariana.ghtml>> Acesso em: 1 agosto 2022

POMAR, Wladimir. A Revolução Chinesa. São Paulo: Editora Unesp, 2003. (Coleção Revoluções do século XX / direção de Emília Viotti da Costa).

RAMOS, Maria Braga Barbosa. Arte e humanização na *estética* de Lukács. Revista Eixo, Brasília, v.6, n. 1, p.65-70, janeiro-junho, 2017.

RIDENTI, Marcelo. As oposições à Ditadura: resistência e integração. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do Golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Drummond: o gauche no tempo. 4.ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SASSOON, Donald. Mussolini e a ascensão do fascismo. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SILVA, João Paulo. Causas do acidente envolvendo funcionário da Vale em Itabira serão investigadas. Jornal Voz Ativa, 8 maio 2022. Disponível em:<<https://jornalvozativa.com/noticias/causa-acidente-empregado-vale-itabira/>> Acesso em: 1 agosto 2022

SILVA, Marlon Garcia. Serviço social, arte e extensão universitária: a experiência do programa mineração do outro. No prelo.

VALE de Rejeitos. Direção de Richadson Pontone. Belo Horizonte: Usina Hiperídia, 2022. (45 min)

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. Do nacional-desenvolvimentismo à Política Externa Independente (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida (org). O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. (O Brasil republicano; v. 3).

WISNIK, José Miguel. Maquinação do mundo: Drummond e a mineração. São Paulo, Brazil: Companhia Das Letras, 2018.